

O Preconceito Racial na Escola: suas manifestações nos corpos docente e discente e no material didático nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

Relatório parcial apresentado à Banca do 1º concurso de dotações - pesquisa sobre o negro no Brasil, 1988. Relatório parcial, junho, 1988.

VERA MOREIRA FIGUEIRA

56

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1950, no princípio por iniciativa da UNESCO, e, posteriormente, por interesse particular de alguns pesquisadores ou universidades, foram desenvolvidas pesquisas acerca das relações raciais no Brasil.⁽¹⁾

Aquela época vigorava, no país, a ideologia da democracia racial, proposta, inicialmente, por Gilberto Freire, nos idos de 1930.⁽²⁾ A teoria de Freire é culturalista e se prende muito às relações aparentes entre indivíduos ou grupos sociais. Por este motivo, não só conquistou adeptos como também parecia ser de difícil contestação.

Gilberto Freire apegou-se à figura do mulato, fruto da união sexual de negros e brancos, para provar a inexistência do racismo no Brasil. Contudo não explicitou que seu surgimento deveu-se ao uso abusivo e constante que os senhores de escravos, brancos, fizeram da mulher negra como objeto sexual. Uma vez que as relações sexuais mantidas entre brancos e negros se caracterizaram, à época da escravidão, pela submissão dos últimos aos desejos sexuais dos primeiros, muito ao contrário de provar-se que o Brasil era uma sociedade racialmente democrática, provou-se que era essencialmente racista.

A teoria de Gilberto Freire acrescenta ainda outros elementos que demonstrariam o caráter democrático das relações raciais no Brasil. Assim, cita a assimilação da contribuição cultural africana aos costumes brasileiros e, basicamente, para o autor, tal contribuição se deu na culinária, religião e música.

Sabe-se, contudo, que essa aceitação não foi pacífica e muito menos democrática. Os cultos africanos de candomblé foram rigorosamente reprimidos e proibidos, inclusive, até meados do presente século. A capoeira, por exemplo, luta tradicional dos povos da África, tinha seu ritmo quase de acompanhamento aumentado ou diminuído, conforme a proximidade das fazendas e dos brancos. Caso fossem ouvidos, seus batuques corriam o risco de castigo físico e até mesmo de prisão. Não foi por outro motivo que o culto de candomblé era praticado no meio de matas serradas, nas florestas, escondido das vistas do branco. O samba, por exemplo, ritmo popularizado hoje em dia, também era proibido e jamais tocado em salões.

Como pode se verificar, se houve assimilação de elementos da cultura africana, esta se deveu muito mais à resistência da raça negra do que a qualquer propósito democratizante por parte dos brancos.

De qualquer modo, para o contexto de época que o Brasil vivia, os anos de 1930, 40, 50, a teoria de Freire era aparentemente verdadeira, e, por isso mesmo, foi difundida, podendo-se dizer até que tornou-se o discurso oficial sobre as relações raciais no Brasil.

Deve ter caído como um balde de água fria, nas cabeças pensantes e governantes do país, os resultados exatamente opostos, conseguidos pelas pesquisas de Roger Bastide, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, entre outros.

Com metodologias e técnicas distintas, tais pesquisas chegaram a conclusões muito próximas: o Brasil era um país racista, preconceituoso, no qual as oportunidades de ascensão social ou econômica para o negro, se não eram vedadas por lei, o eram de fato.

Posteriormente, na década de 1970, outros estudos começam a surgir, desta vez denunciando, a partir dos próprios dados oficiais dos censos demográficos, as desigualdades educacionais, ocupacionais e de moradia para os negros, quando comparados aos brancos.⁽³⁾

Convém apresentar, ainda que sumariamente, os principais resultados dos estudos desenvolvidos, de maneira a contextualizar os problemas levantados pela presente pesquisa e permitir ao leitor se aprofundar na seriedade e longevidade dos conflitos raciais no Brasil.

Roger Bastide e Florestan Fernandes empreenderam uma investigação sobre a situação do negro, em São Paulo, na década de 1950. Os resultados foram dados a público sob a forma de livro: "Branco e Negro em São Paulo".

Os autores historiaram a evolução do negro no mercado de trabalho paulista, demonstrando que acabaram por ocupar, já na época do estudo, posições inferiores na hierarquia ocupacional. Desalojados, ao início do século, pelos imigrantes europeus que acorreram maciçamente para São Paulo, coube aos negros a parcela dos serviços domésticos e das profissões marginais e braçais. Contudo, com o desenvolvimento acelerado da indústria local, por volta dos anos de 1930, modificou-se a estrutura ocupacional para a população negra, e, com isto, ampliaram-se as possibilidades de seu aproveitamento nas esferas comerciais, burocráticas ou administrativas.

Do ponto de vista que interessa à presente pesquisa, Bastide e Fernandes formularam alguns pensamentos sobre o preconceito racial em São Paulo. De acordo com seus pontos de vista, o preconceito aumenta conforme se sobe na escala social. Assim, perceberam crianças pequenas muito pobres brincando juntas, sem distinção de raça. Porém, observando o comportamento de moradores de conjuntos habitacionais de renda um pouco superior, já começaram a perceber um certo afastamento intencional entre vizinhos brancos e negros. No trabalho, porque a convivência é obrigatória, esta se apresentava boa, mas, percebe-se distinções no relacionamento inter racial.

Embora a relação entre brancos e negros apresente-se cordial no trabalho, a penetração dos negros, ainda segundo os autores, é sempre mais difícil. Estereótipos como irresponsabilidade, falta de pontualidade, falta de capacidade para o desempenho de tarefas que exijam cuidado, etc. são alguns dos fatores impeditivos de sua incorporação ao mercado de trabalho. Quando admitidos em uma função, suas promoções na carreira são sempre mais difíceis, pois os brancos acreditam que negros em função de mando adquirem características autoritárias, dominadoras, além de se mostrarem pernósticos, pretenciosos e arrogantes.

Uma vez que os autores relacionam a intensidade do preconceito com a posição mais baixa ou mais alta na hierarquia social, podem afirmar que o preconceito racial não é tão sentido pelo negro das classes baixas, pois sabe que o branco, em situações semelhantes, também sofrerá impedimento. "O preto de baixa classe está habituado à sua situação inferior com relação ao branco. Percebe tudo o que lhe falta, tanto sob o ponto de vista da instrução como dos recursos econômicos, para poder entrar em competição com este último. Se é recusado em certos lugares, bares, salões de beleza, clubes, sabe que o branco de igual condição também não é recebido ou só dificilmente." (1959:218). Assim, muitos pretos destas classes não acreditam em preconceito racial. Acha que o problema maior é o do pertencimento aos estratos mais baixos da hierarquia social.

Isto posto, o negro pertencente a tais estratos tendem ao conformismo, à capitulação passiva e à negação de outros negros como ele. "Não se pode deixar de notar, nesse conformismo, um certo realismo; o preto teme perder o pouco que tem, as possibilidades novas que se abrem a ele, tomando uma atitude de resistência brutal contra o grupo branco. Prefere, num mundo dirigido pelo branco, o apoio deste último ao do preto, que ainda não está bastante seguro nem consolidado." (1959:220)

Se existe o conformismo, "o negro reconhecendo seu lugar", pode acontecer, também, um outro fenômeno: a adaptação, ou seja, a franca adesão dos negros aos valores dos brancos. Isto vigora principalmente entre negros de classe média, para quem atributos como moralidade e honorabilidade adquirem alto prestígio. O sentimento de revolta só é próprio, segundo os autores, aos setores negros alocados em melhor posição no mercado de trabalho, basicamente a intelectualidade negra, que luta pela valorização de sua raça.

Se o comportamento do negro frente ao preconceito racial, pode ser um dos apontados acima, por parte dos brancos o que se apresenta é o seguinte: "...o preconceito se apresenta como uma auto-defesa do branco, quando se sente ameaçado pela ascensão do homem de cor. Trata-se de manter a pirâmide atual das ocupações, com os brancos nos postos de comando e o negro nos postos subalternos." (1959:232) Para além disto, o preconceito passa a ter uma função de controle social, quando é repassado e absorvido pelo próprio negro, submetendo-o à ideologia racial dominante.

Foi dentro desta visão que Bastide e Fernandes desenvolveram um projeto de pesquisa formulado pela UNESCO sobre as relações raciais no Brasil. No que interessa a esta pesquisa, para além do que já se escreveu anteriormente, importa especificar alguns resultados encontrados em entrevistas feitas pelos autores, com 580 estudantes brancos de escolas normais de São Paulo. Dizem eles: "Os estereótipos mais largamente aceitos são: falta de higiene (aceito por 91% para os negros), falta de atrativos físicos (87%), superstição (80%), falta de previdência financeira (77%), falta de moralidade (76%), agressividade (73%), indolência (72%), falta de constância no trabalho (62%), 'perversidade' sexual (51%) e exibicionismo (50%)." (1959:363)

Em continuidade ao projeto desenvolvido em São Paulo pela UNESCO, Virginia Leone Bicudo⁽⁴⁾ escolheu estudar o comportamento de escolares do município de São Paulo, no que se refere à dificuldade/facilidade de aproximação física entre, basicamente, brancos e negros. A amostra se constituiu de 4520 estudantes, na faixa etária de 9 a 15 anos. No que toca às necessidades da presente pesquisa, faz-se oportuno ressaltar como os entrevistados reagiram à pergunta: "Perto de quem voce gostaria de se sentar?". A autora deu como opção para os estudantes as categorias branco, preto, pardo e japonesa. Os resultados foram os seguintes:

GRUPO DE ENTREVISTADOS	INDIVÍDUOS SELECIONADOS PELO ENTREVISTADO			
	Branco	Mulatos	Pretos	Japoneses
Branco	91.72	1.67	3.86	2.75
Mulatos	89.23	3.08	5.38	2.31
Pretos	81.55	1.94	12.95	3.56
Japoneses	75.71	0.56	2.83	20.90

Como se pode facilmente constatar a preferência de todos os grupos entrevistados recaiu sobre o branco. Poucas pessoas escolheram como companheiros de banco escolar pretos e pardos, manifestando, assim, a dificuldade na aproximação física com elementos diferentes do branco.

Também, no que se refere à disponibilidade para a aceitação da proximidade física dos negros, René Ribeiro⁽⁵⁾ pesquisou em São Paulo e Recife, entre os anos de 1947 e 1956, a opinião de estudantes, obtendo os seguintes resultados:

CATEGORIAS DE ACEITAÇÃO	RECIFE		SÃO PAULO	
	Pretos	Mulatos	Pretos	Mulatos
Companheiro de casamento	13.0	24.1	9.9	14.0
Membro de clube, amigo	53.4	56.2	55.5	59.7
Vizinho	65.1	62.6	71.9	75.8
Par na profissão	59.0	57.4	73.3	74.9
Cidadão do país	63.0	61.4	74.4	77.4
Turista	71.9	71.1	85.9	87.3
Deviam ser expulsos do país	8.8	7.2	7.0	5.2

Interpretando os dados fornecidos pelo autor, observa-se um comportamento extremamente discriminador quanto à proximidade física do negro, chegando mesmo ao absurdo de, em média, 7% optar pela expulsão dos negros do país. A aproximação física explícita, direta, também é difícil. Assim, menos de 25% dos entrevistados escolhe pretos ou pardos como companheiros de casamento, e, em cerca de 50% das vezes evita-se sua presença na qualidade de amigo. Sua aceitabilidade como cidadão é duvidosa, pois somente de 30% a 40% dos entrevistados admitem-no nesta condição. Enfim, os resultados deixam claro que há um evitamento forte dos brancos com relação aos negros.

Uma outra pesquisa reveladora foi aquela levada a efeito por Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni⁽⁵⁾, na cidade de Florianópolis. O survey foi levado a cabo junto a adolescentes matriculados em escolas, e montou a 552 entrevistados.

No que se refere à aceitação da proximidade física dos negros, os entrevistados responderam dizendo "não" à seguinte pergunta: se gostariam de encontrar pretos ou mulatos nas seguintes circunstâncias:

CIRCUNSTÂNCIAS	Negros (pardos e pretos)
Escola	11.8
Vizinhança	21.7
Baile	50.5
Família	63.6

Embora os autores não se detenham na interpretação dos dados relacionando-os à disponibilidade maior ou menor de aproximação física com os negros, é possível se deduzir alguns comentários. Verifica-se que parcela, ainda que pequena (11.8) de adolescentes, adotariam mesmo práticas segregacionistas frente à presença do negro na escola. O mesmo se pode dizer, e em maior escala, no que se refere à possibilidade de vir a desfrutar a mesma vizinhanças com negros. Os contatos físicos diretos são amplamente rejeitados. Em 50.5% dos casos os entrevistados declararam-se contrários à presença de negros em bailes. Por fim, a necessidade de não se comprometer sexual e afetivamente com negros é evidente: 63% dos pesquisados recusam negros na família.

Os autores estratificaram tais resultados também pela classe social dos entrevistados e concluíram pela prevalência do preconceito racial mais do que classista. Dizem eles que "...o preconceito racial não se confunde com o de classe. Se se confundisse não teríamos as atitudes e comportamentos discriminatórios entre indivíduos pertencentes à mesma classe. Dizemos isso, porque na comunidade estudada a grande maioria de negros e mulatos se encontra na classe baixa, o que significa que se acha nas mesmas condições de existência social de outros brancos. Entretanto, como já demonstramos, o preconceito é encontrado também aí." (1960:173)

Quanto aos estereótipos veiculados sobre o negro, os autores constatam o seguinte comportamento, reconhecido pelo título "verbalizações" da tabela abaixo:

VERBALIZAÇÕES	NEGROS	MULATOS	BRANCOS
Malandro, farrista, preguiçoso	39,0	35,0	26,0
Brigão, desordeiro, vingativo	48,0	34,0	18,0
Beberrão, cachaceiro, alcoólatra	60,0	26,0	14,0
Submisso, serviçal, humilde	68,0	30,0	2,0
Falso, desonesto, ladrão	34,0	38,0	29,0
Boçal, ignorante, analfabeto	59,0	33,0	8,0
Mal-cheiroso, sujo, anti-higiênico	73,0	27,0	0,0
Desconfiado, complexo de inferioridade	68,0	32,0	0,0
Macumbeiro, supersticioso	70,0	30,0	0,0
Feio	69,0	31,0	0,0
Preconceituoso, complexo de superioridade	0,0	0,0	100,0
Mestiço (espúrio)	0,0	100,0	0,0
Quer se fazer de branco, inveja do branco	0,0	100,0	0,0
Total	47,0	34,0	19,0

Como se pode evidenciar, é muito alto o grau de preconceito contra os elementos da raça negra. Se forem reunidos os resultados apresentados para o que os autores denominaram "negro" (aquele que possui cor preta) com os mulatos, os resultados se tornam ainda mais alarmantes, estando todos os estereótipos negativos, sempre em mais de 70% dos casos e até em 100% deles, associados à raça negra.

Em resumo, os dados veiculados por algumas das pesquisas levadas a efeito na década de 1950 apontam para uma direção comum: existe um alto grau de preconceito, entre crianças e adolescentes, contra a figura do negro. Há, também, pouca disponibilidade para aceitar sua presença física, e isto se acentua quando diz respeito às relações mais diretas como a amizade e o casamento.

Uma outra vertente de estudos começou a proliferar ao longo da década de 1970 e 1980. Tais estudos preocuparam-se em provar não o preconceito na sua forma mais adjetiva, cotidiana, mas a discriminação menos visível, aquela que diz respeito às desigualdades de oportunidades para os negros no mercado de trabalho e no sistema educacional. Muito importante lembrar que tais estudos se respaldaram, prioritariamente, em dados oficiais dos censos demográficos ou da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio - PNAD, ambos do IBGE, órgão ligado ao governo federal.

Um dos primeiros a abordar a questão sob tal perspectiva foi Carlos Hasenbalg.⁽²⁾ Em seus trabalhos deixa ver que o tratamento diferencial dado ao negro pode ser mensurado, pelo menos, em três campos: no geográfico, no educacional e no campo ocupacional.

No que respeita à discriminação geográfica, o autor observa que negros vivem, sobretudo, no Nordeste, onde, por suas condições subdesenvolvidas, as oportunidades educacionais e ocupacionais são menores, se comparadas ao Sudeste, mais desenvolvido e industrializado. Se este padrão foi inicialmente consequência da maior retenção de mão-de-obra escrava no Nordeste, mais tarde se explicou pela política adotada pelo governo brasileiro de estimular a imigração européia, prioritariamente para a região Sudeste. Isto contribuiu, com certeza, para deslocar a população negra para áreas menos desenvolvidas à procura de trabalho.

Assim, a população brasileira tem se distribuído desigualmente, privilegiando a presença do negro no Nordeste, como se pode constatar pelos dados apresentados por Hasenbalg e baseados nos censos demográficos de 1940 a 1970.⁽³⁾

	1940		1950		1960		1970	
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro
Rio de Janeiro	9.0	8.5	9.5	8.4	10.2	7.4	10.0	10.7
São Paulo	23.4	5.9	24.5	5.2	24.8	6.9	27.5	10.7
Sul	19.6	3.5	21.9	4.0	24.4	4.6	26.3	9.4
M. Gerais/Es- pirito Santo	17.6	19.7	15.7	18.3	15.1	16.4	13.5	14.1
Nordeste	25.0	53.6	23.5	53.7	20.3	52.6	18.9	47.2
Brasília	-	-	-	-	0.2	0.2	0.7	0.9
Norte/Goiás/ M. Grosso	5.4	8.8	4.9	10.4	5.0	11.9	3.1	7.0

Resumindo as análises desenvolvidas por Carlos Hasenbalg no livro "Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil", pode-se chegar a algumas conclusões pela comparação dos censos demográficos de 1940 e 1950, no que toca à alocação do negro no mercado de trabalho. O autor acentua que há uma desproporcional quantidade de não-brancos nos níveis inferiores da hierarquia ocupacional e a exclusão do mercado de trabalho se verifica mais entre pretos do que entre mulatos. Passando aos níveis superiores, particularmente no Sudeste, o autor comprova que nas ocupações hierarquicamente mais prestigiadas as desigualdades são ainda mais acentuadas.

Utilizando-se de dados de uma pesquisa não censitária, comparou as profissões de pais e filhos em famílias negras e brancas, concluindo que "...a maioria dos não-brancos em comparação com os brancos nasce e permanece dentro de níveis ocupacionais mais baixos." (1970:206) Em outras palavras, negros têm menos chances de mobilidade ocupacional ascendente. Da mesma forma, os não brancos recebem remuneração salarial menor do que brancos com o mesmo grau de instrução formal.

A super-exploração do negro no mercado de trabalho pode ser evidenciada por dados mais recentes da PNAD/1976. De acordo com as análises constantes do livro "O Lugar do Negro na Força de Trabalho", que se baseia amplamente naquela pesquisa, o rendimento médio salarial dos brancos é três vezes maior do que o dos pretos ocupados em profissões de nível superior, em presários e administradores. Para os pardos, a diferença diminui a duas vezes. Na indústria de transformação e da produção extrativa mineral o salário dos brancos é o dobro daquele percebido pelos pretos e 50% maior do que o dos pardos. Em ocupações de comércio, a situação é praticamente a mesma. Nas profissões de prestação de serviços, onde se incluem os empregados domésticos, os brancos recebem quase o dobro da remuneração prestada a pretos e pardos. Em outras palavras, as estatísticas revelam que brancos e negros, atuando em uma mesma ocupação, recebem salários diferentes, de acordo com a cor e sempre em condições desfavoráveis para pretos e pardos.

Quanto às diferenças nas oportunidades educacionais, é válido retomar os trabalhos de Hasenbalg. De acordo com quem, pelo Censo Demográfico de 1940 "...a taxa de alfabetização das pessoas de cinco anos de idade e mais, no Brasil, era de 46.9% para os brancos e de 22.6% para os não-brancos. Dez anos depois, essas taxas tinham mudado para 52.7% no grupo branco e 25.7% no grupo de cor. Ao considerar os níveis superiores, as diferenças entre esses dois grupos eram ainda mais marcadas. Em 1940, 9.6% das pessoas de 10 anos de idade e mais tinham completado os níveis de instrução primária, secundária ou universitária; essa taxa era de 2.9 para os mulatos e 1.5% para os pretos. Em 1950, as mesmas taxas eram de 24.8% para os brancos, 6.3% para os mulatos e 5.7% para os pretos." (1970:163)

Em outro texto o autor disserta sobre diferenças nas oportunidades educacionais com base nos dados da PNAD/1976. Demonstra que, mesmo passa das duas décadas, persistem as distinções neste campo entre brancos e negros e essas se tornam cada vez maiores conforme se avança na escala educacional.⁽⁸⁾

Como consequência do comportamento discriminatório da sociedade—seja a nível de mercado de trabalho, de sistema educacional ou outro qual—conclui-se que "...uma organização social racista também reduz a motivação e nível de aspiração da população não-branca... Assim, práticas discriminatórias, o evitamento de discussões sobre discriminação e a violência simbólica perpetrada contra os negros reforçam-se umas às outras. Isto, por sua vez, tem levado os pretos e mulatos a regularem suas aspirações de acordo como o que é culturalmente imposto como o 'lugar apropriado' da população de cor." (s.d:28)

Para provar a queda no nível de motivação ou as dificuldades impostas ao negro, será utilizado um exemplo bastante recente relativo ao sistema escolar do estado de São Paulo, que é factível supor, seja válido para o país como um todo. Estudando os dados apresentados pela PNAD/1982, Fulvia Rosenberg diz:^(*) "...para todas as séries do 1º grau, o alunado negro apresenta índices de exclusão e de repetência superiores ao alunado branco: enquanto 59.4% das crianças negras frequentando a 1ª série do 1º grau conseguiram ser aprovadas no final do ano, esta proporção sobe para 71.4% entre as crianças brancas. Porém, as crianças negras não só tendem a repetir de ano com maior frequência que as brancas, como também são excluídas mais cedo do sistema de ensino. A passagem da 3ª para a 4ª série do 1º grau parece determinar o destino escolar das crianças negras: uma em cada dez crianças que frequentam a 3ª série em 1981, deixa de frequentar a escola em 1982; entre crianças brancas a proporção era de uma para vinte." (1987:19)

Com esta breve análise pretendeu-se demonstrar que o preconceito e a discriminação racial se manifestam e se fazem reproduzir de diversas formas. No cotidiano, nas avaliações depreciativas sobre a raça negra. No mercado de trabalho, onde os negros atuam em desigualdade de condições com os brancos. No sistema escolar, onde enfrentam dificuldades de adaptação a uma escola que os desrespeita, desconhece e, por fim, estimula mesmo sua evasão.

O preconceito racial, então, não é episódico ou involuntário. Muito ao contrário, vem demonstrando persistir ao longo do tempo, garantindo ao branco acesso diferenciado e privilegiado aos bens materiais e simbólicos. Incutindo no negro o complexo de inferioridade, é capaz de fazê-lo aceitar como natural aquilo que é fruto de uma intencional má distribuição de oportunidades e riquezas.

Esta pesquisa foi realizada durante parte do ano de 1967 e início de 1968. Objetivou conhecer o real estado em que se encontram alguns aspectos das relações raciais na sociedade brasileira contemporânea.

Há algum tempo estudiosos das relações raciais no Brasil vêm alertando para o papel da escola no que concerne à inserção dos elementos da raça negra na instituição. Alguns chamaram a atenção para a pouca capacidade que a escola tem, no sentido de integrar o aluno negro, de modo a que possa sentir que a escola reflete seu mundo e não o repudia.

Tais estudos denunciam que a instituição não age de forma integrativa e as consequências mais imediatas de tal atuação se configuram na alta taxa de evasão escolar do negro ou na repetência sistemática, basicamente nas primeiras séries do primeiro grau.

Por outro lado, evidenciou-se, nas pesquisas já citadas ao longo deste trabalho, que estudantes revelam um alto grau de preconceito contra o negro - seja na condição de colegas, seja como raça, na totalidade.

Sendo assim, escolheu-se como linha diretriz desta pesquisa estudar o preconceito racial contra o negro entre crianças e adolescentes, matriculados na rede de ensino público, examinando o papel da escola na sua manutenção e/ou transmissão.

O universo compreendeu alunos de baixa renda, estudantes da Classe de Alfabetização (C.A.) até o segundo grau, na faixa etária de 7 a 18 anos. O critério adotado para alocá-los como estudantes de baixa renda foi a profissão do pai ou da mãe. Assim, esses jovens, de um modo geral, eram filhos de faxineiras, lavadeiras, biscateiros, etc., profissões que se caracterizam por uma remuneração quase sempre situada na faixa do salário mínimo.

Por hipótese, estabeleceu-se que crianças de baixa renda, brancas ou negras, convivem mais amígd com elementos da raça negra, posto que, em grande parte, situam-se, os últimos, dentro desses mesmos estratos pouco privilegiados.

Por hipótese, também, julgou-se que os padrões de consumo, comportamento, etc., de brancos e negros situados nestes setores sejam semelhantes, uma vez que as oportunidades materiais de ambas as raças não são diferenciadas. Então, é razoável supor que o preconceito racial seja baixo e/ou difuso, não atingindo de modo especial os negros.

Tanto na fase da infância quanto na adolescência, a socialização do indivíduo se encontra em processo. Neste caso, os valores sociais dominantes devem estar menos cristalizados, o que contribui para se encontrar um nível baixo e/ou difuso, no que toca ao preconceito racial.

Ao se optar por estudar a escola como veículo de transmissão e/ou manutenção do preconceito, teve-se em mente que ela é um dos principais agentes de socialização primária. Por conseguinte, seu papel na formação de opiniões é fundamental, em se tratando, principalmente, de indivíduos ainda em processo de formação ou socialização.

Parece ser realista admitir que o processo de socialização da criança e do adolescente supõe convivências distintas com os vários grupamentos sociais e com a própria escola. Ao ingressar na instituição escolar, a criança tem seu referencial básico na família e pouca ou nenhuma participação em outros grupos sociais. Sendo assim, a escola e a família serão os dois principais, senão únicos, veículos de socialização da criança. Uma vez que ambas as instituições se regem pelo princípio da autoridade do adulto -aquele que sabe mais- sobre a criança -aquele que sabe menos- é de se esperar que os conceitos transmitidos por elas sejam assimilados de modo indiscutível e categórico. Os conceitos transmitidos pela família e pela escola assumem um caráter de verdade absoluta.

Na fase de adolescência, o processo de socialização se torna mais ampliado. O jovem passa a conviver com outros grupamentos sociais, além do que, por sua maior capacidade de raciocínio, comparação e crítica, torna-se menos preso aos valores transmitidos por aqueles dois principais agentes de socialização primária. Pensamentos e opiniões ganham maior autonomia, podendo revelar comportamentos diferentes daqueles aprendidos ao início de seu processo de socialização.

No entanto, a socialização do adolescente também é um processo com momentos diferenciados. Há aquele em que o adolescente se inicia na convivência com outros grupos, ouvindo e discutindo suas opiniões, comportamentos, e, com isso, iniciando o processo de reciclagem de sua própria personalidade. Neste momento, o jovem pode apresentar-se confuso, em termos de definições e conceitos, exatamente por estar recebendo novos conhecimentos e ainda muito preso aos valores transmitidos pela família e pela escola.

Em outro momento, o adolescente já conquistou um espaço que o faz sentir-se mais seguro de suas opiniões e, portanto, menos influenciado pelos conceitos emitidos pelos grupos de socialização primária. Não se quer com isto dizer que o adolescente, neste momento, tenha que ter comportamentos negadores daqueles ministrados pela escola e pela família. Apenas, se quer dizer que, a partir de então, ele pode se distinguir e não que deva se distinguir.

As três etapas discutidas encontram certa correspondência no processo de escolarização. Assim, a escola primária, de um modo geral, trabalha com crianças. As últimas séries do primeiro grau (5ª à 8ª série) tem sua clientela em fase de início da adolescência, e, o segundo grau distingue-se por ter, na maioria, adolescentes já formados.

Caso tome-se por hipótese aquilo que a literatura vem correntemente propondo, ou seja, que a escola é um veículo de transmissão de conceitos da ideologia dominante, o que se deseja nesta pesquisa é verificar como ela atua, no que toca ao preconceito racial, com relação às três fases discutidas.

A amostra da pesquisa compreendeu 442 alunos da rede de ensino público, no município do Rio de Janeiro. Estudou-se o comportamento dos estudantes da Classe de Alfabetização até o segundo grau, distribuídos conforme consta da tabela I.

Tabela I

	Branços	Pretos	Pardos	Total
C.A.	23	10	7	40
1ª/4ª série	97	39	54	190
5ª/8ª série	76	19	35	130
2º grau	42	15	25	82
Total	238	83	121	442

Procurou-se, também, delimitar a faixa etária dos entrevistados, de modo a garantir que a amostra se restringisse apenas à crianças e adolescentes. A distribuição etária foi estratificada conforme a tabela II.

Tabela II

	Branços	Pretos	Pardos	Total
7/8 anos	42	10	15	67
9/10 anos	42	19	18	79
11/12 anos	36	16	21	73
13/14 anos	51	17	23	91
15/16 anos	30	7	17	54
17/18 anos	37	14	27	78

A pesquisa consistiu em uma entrevista individual, na qual mostrava-se um bloco (Bloco A) com 8 fotografias de crianças ou adolescentes (de acordo com a idade de cada entrevistado), sendo 4 brancas e 4 negras, sobre as quais se faziam perguntas específicas. Em seguida, apresentava-se outro bloco (Bloco B) com 8 fotografias de adultos, 4 brancos e 4 negros, sobre os quais eram feitas perguntas determinadas. Por fim, apresentava-se 8 fotografias de 4 adultos brancos e 4 adultos negros, visivelmente bem vestidos, a quem a entrevistadora atribuía as profissões de médico ou advogada (Bloco C).

Convém salientar que todas as fotografias dos blocos A e B foram escolhidas tendo em vista não passar outras informações além daquelas expressas pelo próprio rosto do fotografado. Evitou-se, portanto, o uso

de adereços, como trincos, laços, ternos, a fim de impedir que tais elementos pudessem indicar posição social diferenciada entre os fotografados. Pelos mesmos motivos, foram utilizadas fotografias do tipo 3/4, em preto e branco.

As perguntas foram concebidas de acordo com os seguintes critérios. Em primeiro lugar, procurou-se verificar em que medida alguns estereótipos encontrados nas pesquisas formuladas na década de 1950 continuavam a vigir. Com esse propósito, foram incluídas perguntas relativas às categorias amigo, namorado, burro, feio, porco. Em segundo lugar, objetivou-se estudar o que pode ser chamada "consistência do preconceito racial". Pretendeu-se observar em que medida o preconceito racial é um sistema de crenças mais ou menos articulado na concepção de cada entrevistado. Uma outra preocupação foi estabelecer a "coerência do preconceito racial", ou seja, de que maneira os entrevistados correlacionam sistematicamente as categoriais opostas como burro/inteligente; bonito/feio. Em quarto lugar, foram formuladas perguntas que permitiriam verificar a permeabilidade dos entrevistados, com relação à mobilidade social ascendente do negro. Neste sentido, foram incluídas as categorias engenheiro, faxineiro, médica, cozinheira, médico, advogada e rica. Outra preocupação que pautou a pesquisa foi a de estudar a disponibilidade dos entrevistados quanto à aproximação física com relação ao negro. Para isto, procurou-se estabelecer nexos entre as respostas às perguntas amigo, namorado, simpático, casal. Por fim, foram feitas duas perguntas relativas à permeabilidade dos entrevistados no que diz respeito à miscigenação racial. Sendo assim, incluiu-se as categorias casal I e casal II, procurando verificar seus nexos com a categoria namorado. Todos esses aspectos serão explicados mais aprofundadamente no correr do texto e na ocasião oportuna.

Deve-se acrescentar que os entrevistados mostraram bastante facilidade em apontar as pessoas que julgavam pertencentes a cada categoria, pois as entrevistas duraram, no máximo, 5 minutos.

Saliente-se, também, que não houve recusa de respostas, o que indica que os entrevistados não perceberam que estavam sendo questionados a respeito do preconceito racial. Por isto, sentiram-se a vontade em atribuir características negativas às pessoas escolhidas.

A análise que se segue considerará a permanência dos estereótipos já apontados pela literatura especializada; a consistência e coerência da conduta preconceituosa; o grau de permeabilidade dos entrevistados frente à mobilidade social ascendente do negro; a disponibilidade em estabelecer laços de proximidade física/emocional com negros, e, os rumos pelos quais se dirige a propalada idéia de miscigenação racial, um dos baluartes da ideologia da democracia racial.

Neste capítulo os dados serão estudados a um nível muito agregado, sendo estratificado apenas pela cor dos entrevistados. O que se deseja com tal procedimento é averiguar se existe uma diferenciação de comportamentos entre brancos, pretos e pardos com relação ao lugar do negro na estrutura social. Sendo assim, deseja-se verificar, por exemplo, o grau de solidariedade racial de pretos e pardos; a maior ou menor intensidade do preconceito racial por parte dos brancos, quando comparados aos representantes da raça negra, etc.

Decidiu-se estratificar a raça negra por cor -preta e parda- de modo a estudar se uns e outros têm atitudes distintas e se efetivamente existe uma cooptação dos pardos, como pretendem alguns autores, para a ideologia racial dominante.⁽¹²⁾

Contudo, cabe esclarecer que a autora não comunga com tal ponto de vista, pois julga que o racismo, no Brasil, se dirige igualmente a pretos e pardos, uma vez que os benefícios diferenciados - materiais e simbólicos, auferidos pelos brancos através de práticas discriminatórias dependem da exclusão do número máximo de segmentos sociais que possam impedir o acesso privilegiado a tais benesses.

A tabela III capacita a detectar algumas tendências, tendo em vista a variável cor. Convém salientar que as fotografias apresentadas neste tipo eram de crianças ou adolescentes. (conforme a idade do entre -

vistados). Perguntados a quem escolheriam como amigo(a), namorado(a), bonito(a), etc. os entrevistados se comportaram da seguinte maneira.

Tabela III

Entrevistados Preferência por	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
Amigo	79.8	20.2	68.7	31.3	74.3	25.6	76.2	23.8
Namorado	96.2	3.8	91.6	8.4	94.2	5.8	94.8	5.2
Simpático	53.4	46.6	53.0	47.0	41.3	58.7	50.0	50.0
Estudioso	76.0	24.0	73.5	26.5	75.2	24.8	75.3	24.7
Inteligente	85.3	14.7	74.0	26.0	78.7	21.3	81.4	18.5
Burro	15.1	84.9	19.2	80.7	22.3	77.7	17.9	82.1
Bonito	94.9	5.0	96.4	3.6	94.2	5.8	95.0	5.0
Feio	9.2	90.7	7.0	93.0	12.4	87.6	9.7	90.3
Porco	4.8	88.2	16.9	83.1	22.3	77.7	15.6	84.4
Rico	94.5	5.5	94.0	6.0	95.0	5.0	94.6	5.4

Pela coluna "total" observa-se que os estudantes mantêm um alto grau de preconceito contra o negro. Algumas categorias, inclusive, conseguem quase a unanimidade de opiniões. Assim, poucas pessoas aceitam o negro como namorado, em apenas 5.2% dos casos isto acontece. A imensa maioria também o julga feio (90.3). Em menor escala, consideram-no burro (82.1) e porco (84.4).

Embora não se possa estabelecer comparações com as porcentagens alcançadas nas pesquisas dos anos de 1950, as quais investigaram os estereótipos relacionados ao negro, uma vez que as metodologias utilizadas por cada uma delas e por esta pesquisa são distintas, permite-se, contudo, algumas conclusões de caráter geral. Assim, comprova-se que a direção do preconceito racial não se modificou. Passados mais de 30 anos, aos negros continuam a ser atribuídas prioritariamente qualidades negativas (porco, feio, burro).

Considerando ainda que aquelas pesquisas também foram conduzidas junto a estudantes com grau de escolaridade menor do que o universitário, é factível supor que o discurso da instituição escolar não se modi-

ficou, permitindo a perpetuação de avaliações depreciativas com relação ao negro.

De acordo com as colunas relativas à cor, percebe-se uma ligeira tendência de defesa ou consciência racial por parte de pretos e pardos. Na maior parte das perguntas ambos avaliam os elementos de sua raça com mais solidariedade ou, pelo menos, tolerância. Por exemplo, enquanto os entrevistados brancos escolhem amigos brancos em 79.8% dos casos, a opção por amigos brancos cai para 74.3% entre os pardos e 68.7% entre os pretos. No que se refere aos estereótipos muito cristalizados como burro e porco são os negros e pardos que cuidam de modificar a imagem da raça. Se os brancos vêm os negros como burros em 84.9% das vezes, esta porcentagem desce para 80.7% entre os pretos e 77.7% entre os pardos. Em relação à categoria porco, o mesmo comportamento se repete: brancos percebem os negros como porcos em 88.2% dos casos e esta opinião declina para 83.1% entre os pretos e 77.7% entre os pardos.

As imagens positivas também encontram seus maiores defensores entre os elementos da raça negra. Para namoradas, os brancos quase excluem os negros, pois apenas em 3.8% dos casos admitem relações de tal ordem com pessoas da raça negra. Os pardos têm maior tolerância, e concordam em namorar negros em 5.8% das vezes, mas, o maior índice aparece entre os pretos (8.4). Pretos e pardos também defendem mais sua condição de estudiosos e inteligentes.

Outros atributos continuam a ser, indiscutivelmente, propriedade dos brancos. E nem mesmo os pretos e pardos conseguem se distinguir, em termos de opiniões, dos próprios elementos da raça branca. Tais atributos são a beleza e a riqueza.

De qualquer modo, fica evidente a existência do preconceito racial, seja pela imputação das qualidades negativas ao negro, seja por sua exclusão das qualidades positivas. Não só existe o preconceito como sua exacerbação. Os índices encontrados são muito altos e precisos, não possibilitando dúvidas quanto à sua intensidade.

Verifica-se, também, que, pelo lado dos pretos e pardos, há uma incipiente solidariedade racial manifesta de três modos: o primeiro, pela tímida negação dos estereótipos depreciativos atribuídos à raça. O segundo, pela maior aceitação de convivência ou de atributos positivos ao negro. Mas, há um terceiro modo, que poderia ser chamado de "válvula de escape", o qual será melhor exposto no transcorrer do capítulo. Porém, em resumo, ele se apresenta da seguinte maneira: os negros estão profundamente inibidos dos conceitos negativos a eles atribuídos pela ideologia racial dominante, portanto, via de regra, contribuem para acentuar os percentuais a eles relacionados. No entanto, se ainda não se sentem seguros para se admitirem nos conceitos positivos, preferem dividir os negativos com os brancos. Por exemplo, se não se sentem firmes para se escolherem como bonitos, tentam diminuir o peso do preconceito acusando o branco de feio.

Mas, se do lado de pretos e pardos há uma incipiente solidariedade racial, manifesta seja de que forma for, do lado dos brancos há uma ostensiva tendência à defesa, um forte "esprit du corps", no que toca à manutenção dos atributos positivos em suas mãos e dos negativos em mãos de não-brancos.

As categorias acima, brevemente examinadas, relacionam-se ao mundo infante-juvenil. Ou seja, as fotografias mostradas aos entrevistados eram de pessoas de idade semelhante a deles. Além disto, os fotografados foram apresentados como componentes de sua turma de escola. Sendo assim, estabeleceu-se, ficticiamente, um vínculo de identidade entre fotografado e pesquisado, incorporando-os mutuamente a um espaço comum e a um ambiente infante-juvenil, expresso pela situação de componentes de uma mesma turma de escola. Assim, esta parte da entrevista assumiu um caráter do que é vivido no real cotidiano dos alunos arguidos.

Contudo, o segundo bloco de questões (as fotografias dos blocos B e C) dirigem-se, exclusivamente, ao mundo adulto, ainda bastante distante

daquele experimentado pelo entrevistado. Ao mesmo tempo, exige que este se "transporte" para tal mundo e aja em consonância com ele. Por implicação, pode-se supor que suas respostas reflitam o comportamento potencial do pesquisado como adulto.

A fim de dar maior fidedignidade aos resultados, excluiu-se os menores de 10 anos e os pertencentes às turmas de CA 1 2ª série, das perguntas atinentes à profissões (engenheiro, faxineiro, médica(o), cozinheira, advogada). A razão disto é que, no transcorrer das entrevistas, percebeu-se que crianças muito pequenas ou de pouca escolaridade não distinguem, na hierarquia ocupacional, profissões como engenheiro e faxineiro, achando que faziam parte de um mesmo estrato profissional. Somente nas categorias grande ladrão, pequeno ladrão, casal I e casal II, foram consideradas as respostas do grupo mencionado.

Admitindo-se como correta a hipótese de que o procedimento da criança e do adolescente, quando se imagina como adultos, sigam as regras do mundo adulto, tal como julgam, que proceda com relação à questão racial, dar-se-á consecução à análise das próximas tabelas. De qualquer modo, as perguntas feitas aos entrevistados seguiram o mesmo princípio do bloco anterior, ou seja, pediu-se que escolhessem a quem atribuiriam a profissão de médica, engenheiro, quem deveria ser o pequeno ladrão ou o grande ladrão, etc. Os resultados são os que aparecem na tabela IV.

Tabela IV.

Entrevistados Preferência por	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr
Engenheiro	87.0	13.0	77.8	22.2	87.5	12.5	85.4	14.5
Faxineiro	10.4	89.6	22.2	77.8	20.4	79.1	15.5	84.4
Médica	94.8	5.2	87.0	13.0	90.9	9.1	92.2	7.8
Cozinheira	14.9	85.1	20.4	79.6	13.6	86.7	15.5	84.8
Médico	61.4	38.6	44.7	55.3	65.1	34.9	59.6	40.4
Advogada	64.8	35.2	44.7	55.3	60.2	39.3	60.0	40.0
Grande ladrão	39.5	60.5	40.9	59.0	38.0	62.0	39.4	60.6
Pequeno ladrão	18.9	81.1	15.7	84.3	26.4	73.6	20.4	79.6

Via de regra, o comportamento dos entrevistados segue o mesmo padrão revelado pela análise anterior. Assim, se atribuem aos negros os estereótipos negativos (grande ladrão, pequeno ladrão) e as profissões de baixo status ocupacional. Inversamente, as qualidades positivas apontadas por crianças e adolescentes, no bloco A, quase sempre se dirigiam ao branco (amigo, bonito, inteligente, etc.), o mesmo ocorrendo com as profissões de alto status ocupacional, objeto de exame do bloco B.

A coluna "total", da tabela IV, permite visualizar que os brancos praticamente monopolizam as respostas relativas às ocupações de engenheiro (85.4) e médica (92.2), ao passo que os negros quase monopolizam as profissões de faxineiro (84.4) e cozinheira (84.4). Cumpre destacar, então, que pela coluna "total" a direção das respostas é muito claramente voltada à exclusão do negro como força de trabalho intelectual. Nenhum dos índices favoráveis ao negro nestas condições alcança mais do que 14.5%, ao passo que aqueles favoráveis ao negro na posição de trabalhador braçal alcançam não menos que 84.0%.

Estratificando os resultados por cor do entrevistado, nota-se que encaminham-se sempre para a mesma direção descrita acima, porém com interessante variação. Assim, o padrão de respostas de crianças e adolescentes pardos assemelha-se mais ao dos brancos do que ao dos pretos. Neste caso, são apenas os pretos que revelam uma certa solidariedade racial, escolhendo percentualmente mais engenheiros negros (22.0), mais médicas negras (13.0), menos faxineiros negros (77.8) e menos cozinheiras negras (79.6).

A bibliografia especializada tem se dividido no que toca à interpretação dos motivos da discriminação e do preconceito. Alguns autores acreditam que o pertencimento às classes sociais menos privilegiadas economicamente é a razão fundamental para a existência do preconceito⁽¹³⁾. Nesta linha de pensamento a conduta preconceituosa volta-se, principalmente, para o pobre, e, de modo indireto, ou, de nenhum modo, para o negro.

Outra vertente bibliográfica percebe o racismo como fenômeno sin-

gular, mais ou menos independente da classe social. Segundo seus adeptos, o racismo beneficia diferencialmente o branco pertencente a qualquer dos estratos sociais, assegurando-lhe acesso privilegiado a benefícios de ordem material e simbólica.

A fim de verificar a correção de uma ou outra das propostas, inseriu-se na entrevista duas perguntas relacionadas a negros e brancos em evidente situação de sucesso profissional, em atividades que exigem nível superior de estudos. As perguntas visavam a que o entrevistado indicasse, a partir de 4 fotografias de homens bem vestidos, de terno e gravata e 4 mulheres, também, vestidas apuradamente, sendo, 2 homens brancos e 2 homens negros; 2 mulheres brancas e 2 negras, quem deveria ser o médico e a advogada.

Pelo exame da tabela IV observa-se, na coluna "total" que as respostas a ambas as perguntas dirigiram-se majoritariamente aos elementos da raça branca. Assim, brancos são escolhidos como médicos em 59.6% dos casos e como advogada em mesma proporção. No entanto, verifica-se que tais resultados comparados aos encontrados para engenheiros e médicas, apontados entre fotografias que não sugeriam nenhum tipo de diferenciação na hierarquia social para brancos ou negros, revelam-se não menos favoráveis ao branco, porém, mais favoráveis ao negro. Ou seja, enquanto 85.4% preferiu engenheiros brancos, a porcentagem caiu para 59.6% para médicos brancos. Do mesmo modo, foram escolhidas em 92% dos casos médicas brancas ao passo que os índices para advogada branca declinaram para 60.0%.

Em princípio, portanto, poder-se-ia dizer que o pertencimento à classes sociais mais abastadas suaviza o preconceito, e, por conseguinte, a aceitação do negro torna-se maior. Se tal afirmação é verdadeira, o é apenas parcialmente e, o exame dos resultados pela cor dos entrevistados ajuda na demonstração de que a aceitação do negro em situações de ascensão social varia conforme a cor do pesquisado.

Para além da questão de classe há algo mais amplo e vigoroso. De modo mais preciso, acima do pertencimento a tal ou qual classe, de qual-

Quer maneira, existe o preconceito racial. Assim, em um contexto onde negros e brancos não apresentam nenhum distintivo de pertencimento a determinada classe, a cor funciona como forte indicador da posição social. Então, quando foram apresentadas aos entrevistados fotografias de homens e mulheres vestidos de maneira simples, em traje esporte, a esmagadora maioria dos entrevistados deduziu que engenheiros e médicas deveriam ser brancos. De outro modo, quando as fotografias apresentavam homens e mulheres caracterizados como pertencentes a estratos sociais mais elevados, a distribuição de preferências se modificou, tornando-se mais difusa no que diz respeito à forte preferência pelo branco, mas, ainda assim, majoritariamente favorável a este.

Porém, enquanto entrevistados brancos escolheram engenheiros brancos em 87% dos casos esta opção desceu para 61.4% quando se tratava do médico branco. Entre os negros, a escolha do engenheiro branco foi de 77.8% ao passo que o percentual caiu a 44.7% pontos na indicação do médico branco. Mais uma vez os pardos aderiram aos padrões de escolha dos brancos, optando por engenheiros brancos em 87.5% das vezes e por médico branco em 65.1%.

Quando se trata de escolher a mulher médica ou advogada a direção das opiniões é a mesma. Isto quer dizer que os brancos escolheram médicas brancas em 94.8% das vezes e esta escolha reduziu-se a 64.8%, quando se tratava da advogada branca. Os pardos se comportam de modo muito semelhante e são os pretos que garantem a maior diferença percentual nas escolhas, beneficiando as mulheres negras. Assim, escolhem 87% de médicas brancas e 44.7% de advogadas brancas. Pela primeira vez, a mulher negra é atribuída a maioria das opções.

A tabela V examina a permeabilidade dos entrevistados aos contatos afetivos e sexuais entre as raças, manifestos através das uniões matrimoniais. Isto foi conseguido mediante arguição sobre que dupla escolheriam para casar, quando lhe eram apresentadas 8 fotografias de adultos brancos e negros. Assim, poderiam ser conseguidas as seguintes combinações: homem e mulher brancos; homem e mulher negros; homem negro e mulher branca; mulher negra e homem branco. Aos dois primeiros convencionou-se

chamar de "casamentos puros" e aos dois últimos de "casamentos mistos".

Com o fito de verificar a consistência do padrão de comportamento de cada entrevistado, decidiu-se por pedir-lhe que selecionassem, também, uma segunda dupla de casais. À primeira, dupla deu-se o nome de casal I e à segunda, o de casal II. Isto posto, passar-se-á ao exame da tabela V.

Tabela V

	BRANCOS			PRETOS			MARDOS			TOTAL		
	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms
Casal I	76.5	15.5	8.0	67.5	21.7	10.8	72.7	17.3	9.9	73.7	19.2	9.0
Casal II	42.0	47.5	10.5	43.4	34.9	21.7	44.6	42.1	13.2	43.0	43.6	13.3

Estudando-se a primeira linha da coluna "total", ou seja, a primeira opção de casamentos, averigua-se a baixa permeabilidade dos entrevistados com relação aos casais mistos, pois apenas 9% das opções correm nesta direção. Porém, algo mais também vem à tona: os pesquisados optam francamente pelas uniões de homem e mulher brancos (73.7) e, em segundo lugar, e com percentuais bem mais baixos, pelos casamentos de homem e mulher negros (19.2). Isto quer dizer que em 92.9% dos casos não se admite a miscigenação.

As altas taxas conseguidas pelos casais brancos coloca outro dado revelador: a instituição casamento é preferencialmente atribuída aos brancos. Supõe-se, então, que os negros tenham uniões instáveis, episódicas, que não se caracterizam como casamentos.

Talvez esta constatação esteja arraigada em tradições escravistas persistentes até os tempos atuais. Lembre-se que a o escravo não era dado, de um modo geral, o direito de se casar e constituir família. E mais, os escravos, particularmente as mulheres, eram vistos apenas como objetos sexuais manipulados pelos senhores, seus filhos e parentes.

De acordo com Florestan Fernandes,⁽¹³⁾ a desorganização da família negra, caracterizada, entre outras coisas, pela instabilidade das uniões conjugais, prevaleceu durante boa parte do presente século. No entanto, estudos mais recentes vêm demonstrando que tal fenômeno não ocorre unicamen

te entre famílias negras. Na verdade, atinge de modo igual às populações pobres, nas quais o negro se inclui.

Considerando que os entrevistados são provenientes de estratos de baixa renda é de se presumir que, para eles, tal fenômeno tivesse bastante visibilidade. No entanto, apesar de conviverem com uma realidade onde o pobre não tem a família organizada, em boa parte das vezes, preferem imputar ao negro tal característica. Mais uma vez se faz presente a interpretação racista mais do que classista.

Estratificando os resultados por cor do entrevistado, averigua-se, de novo, a tendência do pardo a ter os mesmos padrões de comportamento dos pesquisados da raça branca. Nos dois grupos, a escolha de casais brancos é maior. Em 76.5% das vezes brancos escolhem casais brancos e em 72.7% delas o mesmo acontece entre os pardos. Contudo, nota-se que estes últimos apresentam uma ligeira diferença de preferência por casais negros, pois optam por tal tipo de casamento em 17.3% dos casos, quando os brancos o fazem em 15.5%.

Os pretos, apesar de serem francamente favoráveis às uniões de homens e mulheres brancos (67.5), de qualquer modo, o são menos do que brancos e pardos. Também demonstram maior simpatia por casamentos de negros, e, talvez isto esteja a significar uma forma de defesa à sobrevivência da raça. Os casamentos mistos são pouco considerados entre os entrevistados pretos (10.8)

Cumprir destacar uma questão que torna ainda mais séria a baixa tolerância dos entrevistados aos casamentos mistos, ou seja, interraciais. Trata-se de lembrar que, em termos probabilísticos, a primeira opção por casais mistos era duas vezes maior do que para qualquer tipo de "casal puro". Isto porque foram mostradas aos entrevistados 8 fotografias: 4 de homens (2 brancos e 2 negros) e 4 de mulheres (2 brancas e 2 negras). Assim, casamentos mistos poderiam ocorrer 8 vezes, casamentos de brancos, 4 vezes e casamentos de negros, 4 vezes.

O que se observa na linha 1, tanto na coluna "total" como nas demais é o baixíssimo índice alcançado pelos casamentos interraciais. Admitindo-se que a probabilidade de escolhas era exatamente o dobro das de-

mais, pode-se concluir que a permeabilidade à miscigenação é ainda mais baixa do que aquela revelada pela tabela.

Para examinar a segunda linha da tabela V será utilizado um racio-
cínio similar. Comprovou-se que a grande parte das escolhas, quase atin-
gindo 3/4, para a formação de um casal dirigiu-se para homens e mulheres
brancos. Isto equivale a deduzir que, em segunda opção, a indicação de ca-
sais brancos deveria cair consideravelmente. Escolhendo em primeiro lu-
gar um casal branco, o entrevistado tinha a probabilidade de optar, como
alternativa, em termos probabilísticos, uma vez por casal branco, quatro
por casal negro e oito por casal misto.

Por tais motivos, as porcentagens que aparecem na segunda linha não
refletem uma igualdade real de escolhas por casais brancos e casais ne-
gros e revela uma intolerância ainda maior por casais mistos.

Ainda com relação aos contatos físicos e emocionais, característi-
cos do vínculo de casamento, é interessante comparar os resultados obti-
dos na tabela V com aqueles relativos à categoria namorado, da tabela III,
particularmente entre os entrevistados pretos e pardos.

Quando perguntados a quem escolheriam como namorado(a), os pretos
(91.6) e pardos (94.2) foram quase unânimes na escolha de parceiros bran-
cos. Em outras palavras, na sua vivência cotidiana demonstraram desejar
tal tipo de contato (na devida proporção semelhante ao casamento) quase
exclusivamente com representantes da raça branca. Ao contrário, transpor-
tados ao mundo dos adultos e das relações não pessoais (pois não se tra-
tava de escolher o próprio casamento) mostraram-se vigorosos inimigos da
miscigenação, pois optaram em cerca de 90% dos casos em unir conjugalmen-
te mulheres e homens brancos ou mulheres e homens negros.

Conforme foi colocado em parágrafos anteriores, a criança ou o ado-
lescente ao representar ou vivenciar o mundo dos adultos adota seus pro-
cedimentos. Sendo assim, embora pessoalmente preferiram namorados brancos,
sabem que tal prática é vedada no mundo adulto e, deste modo, se conformam
aos padrões já estabelecidos de casamentos entre membros da mesma
raça. As comparações demonstram, ainda, que pretos e pardos alimentam um

ideal de embranquecimento, pois escolhem para si parceiros brancos. Ao mesmo tempo sabem que tal ideal não é sancionado socialmente e, assim, optam, quando inseridos no mundo adulto por "casais puros".

Resta ainda analisar, na tabela IV, a categoria ladrão. Seja entre os grandes ladrões ou entre os pequenos, de qualquer forma, a opção pelo negro é majoritária. Assim, na coluna "total" ele aparece como grande ladrão em 60.6% dos casos e como pequeno ladrão, em 79.6%.

Reverendo os resultados alcançados pelo negro na coluna total, nas categorias negativas da tabela III (burro, feio, porco) ou naquelas da tabela IV, relativas ao baixo status ocupacional (faxineiro, cozinheira) salienta-se que é a categoria grande ladrão que apresenta os percentuais mais baixos de participação do negro. Ou seja, enquanto aquelas categorias acusam índices sempre superiores a 80%, a opção pelo negro como grande ladrão cai 19 pontos percentuais.

Mas, o que pode parecer uma suavização do preconceito, pode, também, esconder uma visão ainda mais preconceituosa. Explicando melhor. Pediu-se ao entrevistado que escolhesse simultaneamente a pessoa que deveria ser o grande ladrão e aquela que deveria ser o pequeno. O requisito de simultaneidade nas respostas foi introduzido intencionalmente, com o objetivo de estabelecer critérios comparativos nas respostas dos entrevistados. Sendo assim, para estabelecer a diferença entre grande e pequeno, é possível que o raciocínio do entrevistado tenha sido o de enfatizar a qualidade negativa (a de ladrão), porém, com aspectos positivos (o de grande). Por hipótese, um grande ladrão possui características não necessariamente compartilhadas com o pequeno ladrão. O primeiro deve ser inteligente, ambicioso, audacioso, esperto, qualidades, enfim, bastante aceitas socialmente. Ora, para se diferenciar grande e pequeno deveria caber ao branco a posse do aspecto positivo-grande. Tal hipótese é melhor visualizada ao se comparar as escolhas de grande ladrão branco e pequeno ladrão branco, no total e por cor do entrevistado.

Constata-se que o comportamento da população amostrada é bastante semelhante: a opção por grande ladrão branco é sempre maior do que para pequeno ladrão branco e, a diferença percentual do primeiro para o segundo sempre decresce consideravelmente, variando, em média, em menos 20 pontos percentuais.

Em resumo, se o branco tem que ser apontado como ladrão é "preferível" ou "mais razoável" que o seja como um expert na matéria. Deste modo, para diferenciar o negro do branco foi necessário, no raciocínio dos entrevistados, enfatizar a qualidade negativa de ladrão, suavizando-a com o aspecto positivo de grande.

Conforme se propôs, ao início do trabalho, cabe verificar o grau de consistência do preconceito racial. Com isto, pretendeu-se entender que o preconceito é um sistema de crenças mais ou menos bem organizado e coerente, no plano individual. Em outras palavras, o preconceito não é aleatório. Ao contrário, é uma espécie de sub-sistema ideológico dirigido, intencional e bem elaborado intelectualmente em cada entrevistado. Para prová-lo concebeu-se reunir todas as categorias negativas e as de baixo status profissional com as devidas respostas dos entrevistados. Objetivou-se, assim, verificar se a direção destas respostas convergia sempre para os negros, para os brancos ou se se apresentava dispersa.

Desta maneira, concluiu-se que o entrevistado poderia emitir de 0 a 7 opiniões negativas sobre o negro entre as perguntas formuladas. Então, aquele entrevistado que revelasse, por exemplo, 0, 1 ou 2 respostas negativas sobre o negro não poderia ser catalogado como intencionalmente preconceituoso, de vez que outras qualidades negativas estariam sendo atribuídas aos brancos. De outro modo, aquele que concentrasse um alto número de respostas negativas sobre o negro poderia ser enquadrado como um indivíduo racista ou preconceituoso.

As categorias relacionadas foram as de 1) burro, 2) feio, 3) porco, 4) ladrão grande, 5) ladrão pequeno, 6) faxineiro, 7) cozinheira. É necessário esclarecer que, entre crianças de 7 a 10 anos ou cursando do CA até a 2ª série, por força de terem sido excluídas das respostas relativas à

Profissões, o número de combinações negativas possíveis variou de 0 a 5.

Convém esclarecer que, como o entrevistado poderia fazer de 0 a 5 ou de 0 a 7 combinações, de acordo com a idade e escolaridade, o número máximo de respostas possível seria, respectivamente, de 6 e 8, considerando que nenhuma resposta (0), é também uma resposta, em outras palavras, caso em que em nenhuma das vezes o entrevistado apontou o negro nas categorias negativas acima mencionadas.

Convencionou-se como alto índice de consistência do preconceito todos os que optassem por de 3 a 5 ou de 4 a 7 combinações negativas. Portanto, foram incluídas como pertencentes ao grupo de alta consistência do preconceito racial aqueles que atribuísem em cerca de 2/3 das vezes as associações negativas ao negro.

As tabelas VI e VII permitem verificar como se comporta o índice.

Tabela VI (entrevistados de 7 a 10 anos e de C.A. a 2ª série)

	BRANCOS	PRETOS	PARDOS	TOTAL
Nenhuma resposta	0.0	0.0	0.0	0.0
1 resposta	1.2	0.0	3.0	4.2
2 respostas	2.4	3.4	6.1	11.9
3 respostas	15.5	10.3	15.1	40.9
4 respostas	28.6	24.1	33.3	86.0
5 respostas	52.3	62.1	42.4	156.8

Tabela VII (entrevistados de 11 anos e mais, da 3ª série ao 2º grau)

	BRANCOS	PRETOS	PARDOS	TOTAL
Nenhuma resposta	0.0	0.0	0.0	0.0
1 resposta	0.6	0.0	0.0	0.6
2 respostas	1.3	5.5	2.3	9.1
3 respostas	3.9	5.5	9.1	18.5
4 respostas	7.1	7.4	12.5	27.0
5 respostas	24.0	25.9	29.5	79.4
6 respostas	37.7	42.6	21.6	101.9
7 respostas	25.3	13.0	25.0	63.3

De pronto, pela inspeção à coluna "total", de ambas as tabelas, averigua-se que a maior parte dos pesquisados inclui-se como de alto índice de consistência do preconceito racial. Na tabela VI, o somatório das porcentagens que incluem de 3 a 5 combinações negativas, é de 95.2%, e, na tabela VII, 91.6%. Saliente-se, também, que as porcentagens vão aumentando até o nível máximo de associações na tabela relativa aos entrevistados de 7 a 10 anos, e o mesmo acontece nas porcentagens que vão de 4 a 6 associações (de qualquer modo, um altíssimo índice), da tabela VII.

Os dados não deixam dúvida de que a população estudantil pesquisada é altamente, consistentemente e deliberadamente preconceituosa. Uma vez que os índices revelados pela coluna "total" alcançam a mais de 91.6% dos entrevistados, não se está longe de concluir que o preconceito racial é um fenômeno arraigado em toda a massa de estudantes.

A variação interna das tabelas por cor do entrevistado, mostra que entre crianças de 7 a 10 anos a consistência do preconceito apresenta-se maior entre o grupo branco (96.4) e preto (96.5), diminuindo entre os pardos (90.8). Já, entre aqueles de 11 a 18 anos, as porcentagens são, respectivamente, de 94.1%, 88.9% e 88.6%.

A estratificação por cor revela pequena diferença na direção de respostas e, sendo assim, não se pode concluir que, a nível agregado de associações apresente-se o comportamento de solidariedade racial, que, por vezes se fez notar entre pretos e pardos quando as categorias foram analisadas isoladamente. Em outras palavras, se, pela observação de cada categoria pôde-se vislumbrar uma certa consciência da raça negra, o mesmo não se pode afirmar ao se tomar todas as categorias negativas em conjunto. Mais adiante o assunto será novamente abordado.

Verificada a consistência do preconceito racial, vale a pena se debruçar sobre sua coerência. Assim, deseja-se constatar em que medida as categorias opostas se complementam. Neste caso, a coerência do preconceito será mensurada pela comparação das direções das porcentagens nas categorias bonito/feio; inteligente/burro; amigo/namorado/simpático.

Retomando os dados da tabela III, constata-se que existe coerência nas respostas. Assim, se os brancos são bonitos (95.0), complementarmente os negros são feios (90.3). A mesma coerência permanece examinando as categorias por cor do entrevistado. Neste caso, as porcentagens são de, respectivamente, 94.9% e 90.7% entre os brancos; 96.4% e 93.0% entre os pretos e 94.2% e 87.6% entre os pardos.

Quanto à comparação das categorias inteligente/burro mantém-se a coerência do preconceito racial e os resultados demonstram a complementariedade das respostas. Brancos são inteligentes em 81.4% das vezes e negros são burros em 82.1%. Por cor, a análise não se diferencia substancialmente, apresentando os seguintes índices, respectivamente: 85.3% e 84.9% entre os brancos; 74.0% e 80.7% entre os pretos; 78.7% e 77.7% entre os pardos.

A coerência do preconceito também pode ser medida pela crítica à aproximação física/emocional do negro, embutida nas opções relativas às categorias amigo/namorado/simpático. Assim, embora 50.0% declare julgar o negro simpático, um atributo indispensável para se desenvolver a amizade, o evitamento do negro como amigo fica evidente, pois apenas 23.8% das pessoas o escolhem para tal convívio. Do mesmo modo, se a maior parte dos entrevistados prefere o branco como amigo (76.2), estão bem conscientes de que, para manter os negros afastados, devem procurar namorados brancos e, assim, a escolha de namorados brancos sobe para 94.8%. Este comportamento ocorre com uma intensidade mais ou menos semelhante, sejam os entrevistados brancos, pretos ou pardos.

Em última instância, o preconceito racial além de ser consistente e sólido é também coerente e racional.

No que tange à permeabilidade dos entrevistados, no que diz respeito à mobilidade social ascendente do negro, comprovou-se o caráter elitista do comportamento da população. Assim, aceita-se o branco em profissões de nível superior (engenheiro, médica), em média, em 88.8% dos casos, ao passo que aloca-se o negro em profissões de baixo status profissio -

nal, em média, em 84.6% das vezes. Claramente, ao negro é vedada a ascensão social.

Cumulativamente, o preconceito racial é consistente, coerente e elitista.

Ainda em termos de conclusões gerais do capítulo, vale lembrar algumas já expostas no correr do texto. Os estereótipos estudados nesta pesquisa, quando comparados àqueles expostos pelas pesquisas levadas a cabo na década de 1950, mostram que não se modificou a direção do preconceito racial. Ou seja, se naquela ocasião constatou-se que ao negro eram imputadas as características de feio, sujo, ladrão, burro, etc., os tempos atuais cuidam de confirmar tal diagnóstico.

Por fim, quanto ao propalado mito da miscigenação racial imperante, e que encontra seu referencial na ideologia da democracia racial brasileira, mostrou-se que é falso, na verdade, absolutamente falso. Para mais de 90% dos entrevistados o casamento só é factível quando realizado, prioritariamente entre brancos e, secundariamente entre negros.

Em suma, a ideologia racial vigente entre crianças e adolescentes de uma cidade como o Rio de Janeiro, onde a população negra tem a incontestável expressão de somar a 38% de toda a população, mostrou-se altamente preconceituosa.

Sucessivamente, o preconceito racial distinguiu-se por seu caráter consistente, coerente, elitista, discriminador, racional, intencional e, mais do que tudo isto, ou, sintetizando tudo isto, por seu caráter cruel.

O capítulo anterior deixou clara a existência e intensidade do preconceito racial, manifesta através das avaliações negativas a respeito dos negros. Assim é que negros foram alocados com porcentagens muito altas em todas as categorias não aceitas socialmente como boas (é o caso de burro, feio, ladrão, etc) ou de baixo prestígio social (como as profissões de faxineiro e cozinheira). Inversamente, ao branco garantiu-se a posse de atributos positivos bem como as profissões melhor situadas na hierarquia ocupacional.

O presente capítulo tem por objetivo visualizar como tal atitude ocorre entre alunos de diferentes graus de escolaridade, de modo a verificar qual o papel da escola na manutenção e /ou transmissão do preconceito racial.

Vale lembrar que a escola é um agente de socialização primária, que, desde muito cedo exerce influência sobre a formação de comportamentos e atitudes na criança, inclusive os relativos às relações raciais na sociedade brasileira. No entanto, à medida que o indivíduo entra na fase de a adolescência, passa a estabelecer contatos mais sistemáticos com outros grupos e instituições, que podem lhe transmitir conceitos similares ou diferentes daqueles emitidos pela escola. Além do mais, sua capacidade de avaliação e crítica também se expande, uma vez que detém maior conhecimento e vivência das relações sociais operantes. É presumível, então, que suas opiniões, atitudes ou comportamentos se distingam daqueles apresentados por crianças.

(11)

A bibliografia especializada vem demonstrando que uma das principais funções da instituição escolar é a transmissão da ideologia dominante. Outra vertente de estudos, mais voltados para as relações entre raças, afirma que a discriminação racial é parte desta ideologia. Sendo assim, o objetivo do capítulo é estudar o efetivo papel da escola na manutenção e /ou transmissão do preconceito racial, tendo em vista que jovens situados em diferentes fases - infância ou adolescência, podem absorver seus ensinamentos de modo distinto.

É evidente que aquilo que define a infância ou adolescência não é o grau de escolaridade. Porém, há uma limitação etária mais ou menos fixa entre aqueles que frequentam as primeiras séries do 1º grau, que poderiam ser enquadrados como crianças, e os que frequentam séries intermediárias ou avançadas, que poderiam ser alocados nas fases iniciais e madura da adolescência.

A amostra estudada permitiu concluir que a distribuição etária predominante (70% ou mais de alunos de cada série) nas várias séries é a seguinte:

Tabela IA

ESCOLARIDADE	IDADE
Classe de Alfabetização	7/8
1ª série	8/10
2ª série	8/12
3ª série	9/12
4ª série	11/12
5ª série	12/15
6ª série	13/15
7ª série	13/16
8ª série	13/16
2º grau	15/18

Percebe-se uma certa homogeneidade nas faixas etárias que absorvem o alunato de C.A. à 4ª série, 5ª a 8ª série e 2º grau, compatibilizando-se, de algum modo, com o critério adotado por este trabalho, no que toca às várias fases psico-sociais dos entrevistados. O alunato de C.A. a 4ª série é predominantemente infantil, ao passo que o de 5ª à 8ª série caracteriza-se por se incluir entre os adolescentes em fase inicial. Já o 2º grau mostra um perfil de alunos tipicamente adolescentes, até mesmo entrando na fase adulta.

Para fins de análise, então, julgou-se legítimo examinar a população da amostra estratificada-a em três níveis, que compatibilizam o grau de escolaridade e o desenvolvimento psico-social. Sendo assim, os entrevistados serão enquadrados como pertencentes às faixas C.A. à 4ª série, 5ª à 8ª série e 2º grau. Outra razão atual para que se adote tal divisão por níveis de escolaridade. Trata-se da dinâmica diferenciada adotada pelas séries de C.A. à 4ª, com relação às demais. As primeiras são dirigidas por um único professor. A autoridade apresenta-se singularizada em um indivíduo específico, detentor de todo o saber, com opiniões próprias a respeito da questão racial e, portanto, capaz de ministrar suas crenças, ideológicas ou comportamentos sem a interferência crítica das opiniões de outros professores.

Com o intuito de revelar ao leitor distinções de comportamento nas três fases, a análise será iniciada pelo índice de consistência do preconceito racial.

É cabível lembrar que definiu-se a consistência do preconceito racial como o somatório de opiniões negativas contra os negros por cada entrevistado. Assim, o pesquisado tinha as opções de não atribuir nenhuma qualidade negativa ao negro, ou, ao contrário, poderia ir num crescendo de opiniões negativas que variam de 1 a 5 (para crianças de 7 a 10 anos ou cursando do C.A. à 2ª série) e de 1 a 7 (para as demais). Ficou, também, estabelecido que aqueles que revelassem um somatório de 3 à 5 combinações negativas contra os negros e os que apresentassem de 4 à 7 combinações negativas, respectivamente, seriam considerados como possuidores de alta consistência de preconceito racial. Esclarecido o assunto, passar-se-á ao exame da tabela IIA, que apresenta os resultados apenas para aqueles que opinaram por de 3 à 5 combinações ou de 4 a 7 combinações negativas contra o negro.

Tabela IIA

	BRANCAS	PRETAS	PARDAS	TOTAL
C.A./4ª série	97.4	96.3	93.7	95.9
5ª/8ª série	91.4	85.0	85.3	89.7
2ª grau	92.9	94.4	79.8	89.0

Em primeiro lugar a coluna "total" revela que a consistência do preconceito racial é muito alta, independente do grau de escolaridade, pois varia de 89.0% a 95.9%. No entanto, é entre as crianças de C.A. à 4ª série que ele se apresenta com maior nitidez. Para estas, tanto na coluna "total" como naquelas relativas à cor dos entrevistados, o índice alcança nunca menos do que 93.7%. Pode-se afirmar, então, que a criança é quase absolutamente preconceituosa.

Muito interessante perceber que a cor influencia, ainda que muito suavemente, no grau de consistência do preconceito. Assim, em qualquer grau de escolaridade, os jovens pretos e pardos demonstram um pouco mais de tolerância com sua raça (excetue-se os pretos do 2º grau).

Por outro lado, verifica-se, para todos os níveis de escolaridade e por cor dos entrevistados que, conforme aumenta a escolaridade diminui o preconceito (exceto para os pretos do 2º grau) e isto se dá de modo mais intenso entre os pardos. Seria precipitado concluir por um papel de efetiva luta contra o preconceito, por parte do sistema de ensino, com base nestes últimos resultados. Em verdade, como já foi colocado anteriormente, os adolescentes, tanto em sua fase inicial como em sua fase madura podem apresentar um comportamento contestatório aos conceitos da ideologia racial dominante. Além disto, uma vez que constata-se que é entre as crianças de baixa escolaridade que o preconceito racial se apresenta mais insistente, não se vê razão para julgar que a escola, depois desta fase (justamente aquela em que deveriam ser introduzidos os conceitos éticos fundamentais à uma ideia de igualitarismo racial), passe a se preocupar mais sistematicamente com a questão racial.

Para além dos dados revelados pela tabela acima seria importante destacar que, entre a totalidade dos entrevistados (442), 31% atingem o grau máximo de índice de consistência do preconceito racial. Em outras palavras, os entrevistados que apontaram 5 combinações (entrevistados de 7 a 10 anos, de C.A. à 1ª série) ou 7 combinações negativas a respeito dos negros. (para os demais), somam a cerca de 1/3 da amostra. Se a eles forem acrescidos os que optaram por 6 respostas (índice muito próximo do máximo), a porcentagem sobe para quase a metade dos pesquisados (47.1).

Por todos os fatores acima apontados e porque comprovou-se nas tabelas III e IV do capítulo anterior que o preconceito racial é, em qualquer circunstância muito atuante, apresentando sempre altas porcentagens, o exame que se segue poderá revelar diferenças percentuais, as vezes, diminutas entre os diferentes níveis de escolaridade. Com esta ressalva, proceder-se-á ao exame das diversas categorias, interpretando-as tendo em vista o grau de escolaridade, a cor do entrevistado e, finalmente, tendo por parâmetro a condição de baixa renda da população da amostra.

A tabela IIIA estuda a permeabilidade dos entrevistados ao contato físico/emocional de negros e brancos, a partir da categoria amigo.

A categoria amigo pressupõe algumas características. É necessária uma aproximação física e emocional. Um amigo pode frequentar a casa de seu companheiro. Será apresentado aos demais colegas como alguém especial e será visto com certa constância ao lado do outro. Desfrutará de sua confiança, de seus divertimentos, de sua privacidade. Tendo por base tais pressupostos, é interessante perceber como se comportam os entrevistados.

Tabela IIIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	89.2	10.8	77.5	22.5	73.0	27.0	83.8	6.2
5ª/8ª série	75.0	25.0	68.4	31.6	80.0	20.0	75.2	24.8
2º grau	61.9	38.1	40.0	60.0	64.0	36.0	58.5	41.5

- São as crianças de C.A. à 4ª série que revelam maior resistência a ter negros como amigos, conforme se vê na coluna "total". E particularmente os brancos com este grau de escolaridade apresentam maior índice de evitamento dos negros em tal condição. Aliás, as crianças pretas e pardas com tal nível de escolaridade relacionam-se também menos com os próprios negros, na qualidade de amigos. Simultaneamente, verifica-se que para os entrevistados brancos, pretos e pardos aumenta a receptividade com relação ao negro, conforme aumenta o nível de escolaridade (exceção se faça aos pardos de 5ª à 8ª série).

Aparentemente, numa primeira análise, a escola estaria a contribuir para a integração do negro, pois sua aceitação aumenta à medida em que se penetra em graus mais avançados de escolarização. No entanto, alguns fatores contribuem para não se pensar de tal modo. Um deles é que certifica-se que a maior aproximação com negros acontece com entrevistados que estão, em sua grande parte, na adolescência. Nesta fase, amplia-se o número de grupos de convivência e, portanto, a visibilidade do negro pode ser maior (nos clubes, nos jogos, na roda de novos amigos) do que nos círculos restritos da família e da escola. Sendo assim, sua aproximação torna-se mais natural.

Um outro fator que restringe o papel da escola na integração do negro é constatado quando se compara sua receptividade pela cor dos entrevistados. É nítido que isso acontece de modo crescente quando se compara brancos que escolhem amigos negros e pretos e pardos que selecionam amigos negros. Em todos os níveis de escolaridade (exceto para pardos de 5ª à 8ª série), a aceitação do amigo negro é maior entre os elementos da raça negra. Sendo assim, a solidariedade racial ou, até mesmo, a "guetificação" assumem valor explicativo maior do que o nível de escolaridade.

A análise da tabela IVA vem a corroborar as afirmações colocadas. A tabela se refere à assimilação de brancos ou negros na categoria simpático.

Uma pessoa simpática detém qualidades bastante positivas como cordialidade, alegria, confiabilidade, etc., atributos que, potencialmente, também fazem parte da amizade. É a seguinte a maneira pela qual os entrevistados se comportam com relação à aceitação de brancos ou negros como simpáticos.

Tabela IVA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	65.0	35.0	65.3	34.7	49.2	50.8	61.8	38.2
5ª/8ª série	46.0	54.0	52.6	47.4	37.1	62.9	44.6	55.4
2º grau	33.3	66.7	13.3	86.7	24.0	76.0	26.9	73.1

De pronto, nota-se que existe certa facilidade em aceitar o negro como simpático. Na verdade, a partir da 5ª série, ele vai ganhando a preferência dos entrevistados, independente da cor, pois, na coluna "total", aparece em 55.4% das vezes a opção por representantes da raça, entre os alunos de 5ª à 8ª série, passando a 73.1% entre os de 2º grau.

Tal como na tabela IIIA, são os entrevistados do C.A. à 4ª série que demonstram mais resistência a considerar o negro como simpático. E, em todos os níveis de escolaridade (exceto quando se compara brancos e pretos de 5ª à 8ª série), a tendência é sua maior aceitação entre os próprios pretos e pardos, o que pode significar a manifestação de uma certa solidariedade racial. Porém, como será abordado no correr do texto, se esta solidariedade existe, de qualquer modo ela é ainda evitada de preconceito ou evitamento.

A tabela IVA mostra uma tendência bem acentuada na escolha do negro como simpático. Mais uma vez seria possível atribuir à escola o papel de integração do negro à sociedade. No entanto, pelas mesmas razões expostas com relação à categoria amigo é factível pensar que, efetivamente, tal papel não lhe cabe. Como se observou, naquela ocasião, a adolescência permite uma ampliação dos grupos de convivência disponíveis. Sendo assim, a visibilidade e a constância da presença do negro aumenta e sua aproximação torna-se mais natural, possibilitando, em maior escala, sua aceitação como pessoa simpática.

Um dado importante sobressai pela comparação das tabelas relativas às categorias amigo e simpático. Como se verificou, o número de opções por negros simpáticos é muito maior do que aquele revelado para negros amigos. Por trás de tais números está implícito o evitamento direto de aproximação física/emocional com o negro. Os vínculos de amizade supõem proximidade física, um compromisso de solidariedade e, além disso, exige que o indivíduo assuma estar ao lado de uma pessoa negra. Já a simpatia não requer nenhuma dessas manifestações. Portanto, torna-se mais fácil considerá-lo como possuidor de tal qualidade sem que isto comprometa a "reputação" do entrevistado ao tê-lo como amigo.

Pela comparação das mesmas tabelas observa-se uma incoerência ou contradição aparentes nas escolhas dos entrevistados. Em outras palavras, se a simpatia é um atributo essencial para a escolha dos amigos, os números de ambas as tabelas deveriam ser mais ou menos semelhantes, o que não acontece. Em suma, mesmo que o negro apresente as qualidades necessárias à amizade, será difícil serem incluídos no rol das pessoas íntimas ao entrevistado. Assim, o que parece incoerente, de um ponto de vista lógico, é absolutamente correto na lógica de uma ideologia discriminadora.

Mas, quando se estuda o comportamento dos entrevistados com relação à categoria namorado é que fica patenteada a dificuldade de aproximação física/emocional com o negro.

Sumariamente, ninguém quer namorar um negro. O namoro, mais do que a amizade, deixa explícito o envolvimento físico/emocional. Trata-se de uma opção afetiva e, indireta ou bõnginquamente, deixa antever o tipo de parceiro idealizado para uma relação de casamento. A exclusão do negro como namorado é evidente pela tabela VA.

Tabela VA

	FRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr
C.A./4 série	94.2	5.8	92.7	7.3	97.0	3.0	94.1	5.9
5ª/8ª série	98.7	1.3	87.5	12.5	92.3	7.7	96.4	3.6
1ª grau	97.5	2.5	86.1	13.9	87.8	12.2	92.4	7.6

A rejeição da figura do negro como namorado é sempre maior entre os brancos, e certamente, isto tem a ver com a fidelidade à preservação da "pureza da raça". O dado é confirmado pelos resultados relativos aos brancos de 5ª a 8ª série e do 2º grau, que devem ter, em função da maturidade uma idéia mais aproximada sobre a "importância" de tal preservação. Para estes a idéia de eugenia é mais forte do que para crianças brancas de C.A. à 4ª série.

Os pretos e pardos com esta escolaridade mais uma vez demonstram sua forte repulsa ao negro, pois os índices de preferência por namorados brancos é maior entre eles do que entre pretos e pardos das séries mais avançadas. À medida que pretos e pardos vão passando a um grau maior de escolaridade aumenta, ainda que pouco, sua aceitação do negro como namorado.

Em última instância, pelos baixos índices de aceitação do negro nesta categoria, pode se afirmar que crianças e adolescentes estão a aceitar e perpetuar a ideologia do branqueamento, subrepticamente vigorante.

No que toca a o papel da escola, o que se conclui é que ela não trabalha pela integração do negro à sociedade, como pessoa capaz e digna de receber afeto ou amor. Os altíssimos índices alcançados na categoria namorado não permitem contestação.

Em resumo, pela análise dos dados relativos a maior ou menor aproximação física ou emocional com o negro, através das relações de amizade, simpatia ou namoro pode-se chegar a algumas conclusões. Embora a aceitação do negro, de um modo geral, seja maior conforme aumento o nível de escolaridade, não se pode atribuir à escola uma participação maciça na integração do negro ao ambiente. Em primeiro lugar, porque, de qualquer forma, o índice de preconceito racial é bastante alto, principalmente quando se exige que a aproximação seja maior. Assim, os índices de evitamen-

to são ^{melhores} anteriores com relação a negros como namorados, diminuindo em amigo e apresentando um certo equilíbrio, nas preferências por brancos ou negros, na categoria simpático. Em segundo lugar, porque tal aceitação não se dá de forma homogênea entre estudantes do mesmo nível escolar. Ao contrário, são sempre os pretos e pardos que mostram-se mais receptivos aos negros nas três categorias. Isto está a revelar que mais do que a escolaridade, é uma certa solidariedade racial que funciona como elemento explicativo dos melhores índices alcançados.

Por fim, ainda no que toca à aproximação física do negro, é factível afirmar que o preconceito racial tem intencionalidade e coerência, ou seja, vai aumentando conforme cresce a possibilidade de aproximação com o negro.

Um outro dado a ser examinado é o que diz respeito ao entendimento que os entrevistados têm do negro e do branco em sua capacidade intelectual. Para tanto, serão estudadas as categorias burro, estudioso e inteligente.

No que concerne à interpretação de negros e brancos como pessoas burras, a tabela VIA aponta os seguintes resultados:

Tabela VIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	11.6	88.4	10.9	89.1	12.3	87.7	12.2	87.8
5ª/8ª série	14.2	85.7	26.7	73.3	28.7	71.3	19.5	80.5
2ª grau	28.8	71.2	27.8	72.2	35.9	64.1	30.8	69.2

Evidencia-se que é a criança de C.A. à 4ª série que apresenta o maior número de respostas conducentes à visão do negro como burro. Isto se dá de forma praticamente igual entre crianças brancas, pretas e pardas. Uma vez que tomou-se por parâmetro que, na infância, os contatos principais se dão no âmbito da escola e da família, pode-se asseverar que, se a família transmite tal tipo de ensinamento, a escola não cuida de rejeitá-lo. Ou, se a família não o faz, estes valores são incutidos na escola.

Tabela VIIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	70.0	30.0	74.9	25.1	71.3	28.7	71.3	28.7
5ª/8ª série	85.6	14.4	83.3	16.7	77.8	22.2	82.0	18.0
2º grau	76.4	23.6	83.3	16.7	75.9	24.0	77.1	22.8

Tabela VIIIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	83.8	16.2	81.6	18.4	79.9	20.1	82.0	18.0
5ª/8ª série	90.6	9.3	87.5	12.5	78.1	21.9	85.7	14.3
2º gr. 1	81.3	18.7	55.5	44.5	76.2	23.8	75.0	25.0

Ambas as tabelas deixam claro que, predominantemente, são os brancos os que possuem as qualidades de estudioso e inteligente. Por comparação, brancos são mais inteligentes do que estudiosos, uma vez que as porcentagens, de um modo geral, apresentam sempre valores mais altos para a categoria inteligente quando confrontadas com as de estudioso. Isto é explicável: em termos hierárquicos a inteligência é um atributo superior a estudioso, este funciona, apenas, como um pressuposto ou complemento da inteligência. Sendo assim, explica-se a maior tolerância em admitir o negro como estudioso mas não como inteligente.

Pela primeira vez, crianças de C.A. à 4ª série apresentam maior disponibilidade em aceitar o negro em categorias positivas. Percebe-se que entre todos os entrevistados são elas que atribuem os maiores percentuais para o negro como inteligente, mas, de modo mais enfático, como estudioso. Porém não se pode atribuir a uma intencionalidade da escola em transmitir tal tipo de conceituação positiva sobre o negro. Prefere-se entender esse comportamento como consequência da fase em que se encontram no processo de socialização e como consequência da própria realidade escolar brasileira. Explica-se: a visibilidade do negro na escola pri

A hipótese é confirmada quando se compara os dados relativos às séries de C.A. à 4ª, com os referentes às classes mais avançadas, onde o convívio com outros grupos e formas de socialização são mais ampliados. Constata-se que, conforme aumenta o grau de escolaridade, diminui a imputação de baixa capacidade intelectual para o negro. No entanto, observa-se, também, que é francamente mais visível tal comportamento entre pretos e pardos do que entre brancos. De um modo geral, à medida em que aumenta a escolaridade dos entrevistados de raça negra, eles tendem a atribuir ao branco um pouco mais de inferioridade intelectual, o que pode estar a revelar a já nomeada solidariedade racial. De qualquer maneira, os índices de inferioridade intelectual para os negros é muito alto entre todos os entrevistados.

Da análise anterior decorre que a escola nada faz para modificar este estereótipo, seja porque os índices revelados são muito altos, seja porque a tendência à sua negação prenda-se mais à cor dos entrevistados do que ao grau de escolaridade.

A fim de verificar em que medida atua a coerência ou intencionalidade na manifestação preconceituosa, acrescentou-se mais duas perguntas que poderiam ser comparadas ao estereótipo burro. Neste caso, perguntou-se à cada entrevistado a quem escolheriam como a pessoa mais estudiosa e a mais inteligente.

Com efeito, a inteligência é o oposto da burrice. No entanto, supõe-se que ser estudioso é um dos atributos visíveis da inteligência, ou pelo menos, de um modo geral as pessoas correlacionam os dois atributos.

Propositadamente as duas perguntas não foram feitas em sequência. Em primeiro lugar perguntou-se quem era a pessoa mais estudiosa entre os fotografados, e, depois de questionados sobre várias outras categorias, voltou-se a interrogar o arguido sobre a pessoa mais inteligente. A intenção do procedimento foi a de, uma vez apontado determinado indivíduo como o mais estudioso, não haveria razão aparente para não lhe ser atribuída a maior inteligência. Os resultados das tabelas VIIA e VIIIA permitem esclarecer o comportamento adotado.

mária é muito maior do que nas classes mais avançadas. Alguns estudos têm demonstrado que os negros evadem da rede de ensino particularmente após a 4ª série. Desta maneira, a criança, por ter seu referencial básico no mundo da escola e da família, acredita com mais facilidade (dada sua visibilidade ou presença mais sistemática) no negro como estudioso e inteligente.

Se a explicação ajuda a entender por que crianças aceitam mais o negro como estudioso ou inteligente, não acontecendo o mesmo para os demais estratos escolares, ela já não se aplica de modo preciso aos estudantes da 5ª série em diante. Neste caso, o entendimento das escolhas parece estar mais relacionado com a cor do entrevistado.

Percebe-se que, em ambas as categorias, a assimilação do negro ocorre com mais frequência entre pretos e pardos. Os dados evidenciam, mais uma vez, a já mencionada e incipiente preocupação com a solidariedade racial.

No que se refere à comparação com a categoria burro, os entrevistados mostram coerência no preconceito. Prioritariamente atribuem ao negro uma capacidade intelectual inferior ao mesmo tempo em que contemplam o branco com uma capacidade intelectual superior, revelada pelas qualidades de mais estudioso e inteligente.

Outras duas qualidades que podem ser comparadas com o intuito de se averiguar a coerência do preconceito racial, são as categorias bonito e feio. Os resultados são apresentados nas tabelas XA, que se refere à qualidade de bonito e XIA, que diz respeito à categoria feio.

Tabela XA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	94.5	5.5	95.0	5.0	90.2	9.8	93.8	6.2
5ª/8ª série	97.6	2.4	100.0	0.0	96.4	3.6	97.5	2.5
2º grau	93.2	6.8	100.0	0.0	95.8	4.1	95.2	4.8

Tabela XIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	9.1	90.9	7.0	93.0	9.2	90.8	8.7	91.3
5ª/8ª série	9.8	90.2	4.2	95.8	13.3	86.7	9.4	90.6
2º grau	9.7	90.3	5.5	94.5	24.0	76.0	13.6	86.4

A negação da beleza ao negro prova ser um dos estereótipos mais arraigados na mentalidade dos entrevistados. Os altíssimos percentuais alcançados na categoria feio e os baixíssimos resultados da categoria bonito, no que se refere ao negro, demonstram bem tal comportamento.

A tabela XA deixa ver de modo explícito a violência da rejeição manifesta pelos próprios negros sobre o assunto, chegando mesmo à unanimidade de respostas, entre pretos da 5ª série ao 2º grau. Mais uma vez fica manifesta a total despreocupação da escola com o problema. Os índices permanecem extremamente elevados, independente do nível de escolaridade.

As tabelas XA e XIA permitem verificar a coêrência do preconceito. Evidencia-se que as porcentagens seguem uma mesma direção: é alta quando se trata de atribuir ao branco a beleza e também o é quando se trata de apontar o negro como feio.

Na tabela que estuda a opinião dos entrevistados com relação à categoria feio, observa-se uma reação contestatória dos pardos. Crescentemente, imputam ao branco a feiura. E, se não conseguem se admitir como bonitos, pelo menos, compensam-se conferindo ao branco o defeito de feio.

Um outro estereótipo que atinge o negro é o de porco. A tabela XIII esclarece como reagem os entrevistados.

Tabela XIIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	7.7	92.3	8.3	91.7	7.3	91.7	8.2	91.8
5ª/8ª série	17.9	82.1	49.2	50.8	40.3	59.6	26.1	73.9
2º grau	14.1	85.9	0.0	100.0	40.7	59.3	19.8	80.2

Mais uma vez são as crianças de C.A. à 4ª série que apresentam maior grau de preconceito. No entanto, entre os entrevistados brancos, independentemente do grau de escolarização, este comportamento se repete com intensidade muito grande, variando de 82.1 a 92.3%. Pode-se afirmar que o estereótipo de negro como pessoa porca é extremamente generalizado junto à população branca.

A reação de pretos e pardos é diferenciada. Enquanto os últimos, a partir da 5ª série até o 2º grau, demonstram rejeitar com ênfase tal estereótipo, os pretos de 2º grau, ao contrário, assumem-no na integralidade.

Como de outras vezes, no que toca às primeiras séries, pode-se afirmar que, se a família incute tal tipo de conceituação nas crianças, a escola não cuida de negá-lo e se a família não o faz, estes estereótipos são transmitidos pela própria escola. Por outro lado, nas séries mais avançadas, a negação do preconceito está mais ligada à cor do que à escolaridade, e isto ocorre com mais frequência entre os pardos.

No que diz respeito às escolhas dos entrevistados com relação à pessoa mais rica, os resultados se apresentam da seguinte maneira:

Tabela XIII

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	90.9	9.1	96.0	4.0	94.0	6.0	92.4	7.6
5ª/8ª série	96.7	3.3	91.7	8.3	98.1	1.9	96.6	3.4
2º grau	100.0	0.0	94.4	5.6	95.9	4.1	97.6	2.4

Aqui se verifica a quase unanimidade dos entrevistados em conceder ao branco a condição de rico. Não há variações significativas de acordo com a escolaridade nem, tampouco, com a cor. Sendo assim, talvez seja esta a tabela que demonstre com mais clareza a inoperância da escola, no que toca à valorização da figura do negro.

Até este momento o capítulo cuidou de analisar o procedimento de crianças e adolescentes tendo por base as suas relações mais diretas e diárias. Lembre-se que foi criada a situação hipotética de pertencimento

a uma mesma turma e as categorias analisadas (bonito, feio, porco, burro, etc.) caracterizaram-se por ser mais "concretas", adjetivos, exigindo menor elaboração conceitual.

Dentro desse universo cotidiano e familiar, verificou-se algumas tendências gerais que são importantes para a compreensão do papel da escola na valorização do negro. Assim, pôde-se constatar que são as crianças de C.A. à 4ª série que apresentam, de modo geral, maior resistência à aceitação do negro nas categorias positivas e maior facilidade em atribuir-lhe as categorias negativas. Se, com efeito, é isto que acontece, pode-se afirmar que a escola não tem exercido nenhum papel no que tange à melhoria da imagem do negro. Acrescente-se, ainda, que para as classes mais avançadas, de qualquer modo, os índices de rejeição ao negro são muito altos, o que corrobora a ineficiência da escola neste aspecto e mais; deixa ver o descaso das demais instituições sociais no tocante ao problema racial.

Constatou-se, também, que, em detrimento do papel da escola, a cor dos entrevistados tem valor explicativo mais amplo, pois percebe-se, ainda que de modo incipiente, ou uma certa solidariedade racial entre os negros ou uma repulsa ao branco, funcionando como válvula de escape à situação de inferiorização do negro. De qualquer modo, aí não se vislumbra nenhuma atuação positiva da escola.

A segunda parte da análise dirige-se a uma série de perguntas atinentes ao mundo do adulto e que exigem maior elaboração conceitual nas respostas. Trata-se, principalmente, de questões que abordam o mercado de trabalho e, principalmente aquelas voltadas para um mercado de trabalho caracterizado por ocupações de alto prestígio social (engenheiro, médico, advogada, etc).

Dois questões sobressaem e devem ser explicitadas para que se possa avaliar corretamente os resultados. A primeira diz respeito ao universo sócio-econômico dos entrevistados. Como já se comentou, fazem parte dos estratos mais baixos da população e, quase sempre, são provenientes da fa

famílias que auferem remuneração próxima ao salário mínimo. A inserção pouco privilegiada na estrutura sócio-econômica pode, então, lhes dificultar a conceituação das profissões com as quais tem menos convívio e que são aquelas de mais alto status na hierarquia ocupacional.

Além disto, a idade e a escolaridade também atuam como fatores de dificuldade/facilidade para o entendimento das profissões aludidas. Por exemplo, é compreensível que uma criança de 11 anos revele maior dificuldade em identificar a profissão de engenheiro do que um adolescente de 16 anos. Do mesmo modo, é mais complexo para um estudante de 3º ano primário fazê-lo do que para um estudante do 2º grau.

Em suma, a condição da população de baixa renda, a idade e o grau de escolaridade são fatores inibidores, ou, pelo menos, desvirtuadores de uma concepção correta das profissões de mais alto status ocupacional. Foi nesse sentido que julgou-se preferível excluir as crianças de 7 a 10 anos e do C.A. à 2ª série das perguntas atinentes à profissões.

Ainda assim, deve se esclarecer que, pelos motivos citados, a análise das respostas dos demais entrevistados não se prendeu a uma preocupação com o definir corretamente tal ou qual profissão, mas sim com o aloca-la de modo o mais exato possível numa escala ordinal de hierarquia ocupacional.

A tabela XIVA estuda o comportamento dos entrevistados nas escolas de engenheiros, selecionados entre homens vestidos de modo simples, caso em que nenhuma informação diferencial é fornecida sobre seu status social. A tabela XVA procura averiguar como procedem os entrevistados na opção por médicos, desta vez, selecionados entre quatro homens muito bem vestidos, de terno e gravata, e visivelmente pertencentes a estratos mais privilegiados. É o seguinte o resultado das tabelas:

Tabela XIVA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
3ª/4ª série	75.5	24.5	65.0	35.0	85.6	14.4	81.1	18.9
5ª/8ª série	88.8	11.2	88.8	11.2	91.8	8.2	87.4	12.6
2º grau	95.2	4.8	86.1	13.9	92.0	8.0	92.7	7.3

Tabela XVA

	BRANCOS		PRETOS		FARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
3ª/4ª série	76.4	23.6	34.4	65.6	87.1	12.9	77.8	22.2
5ª/8ª série	70.1	29.9	71.7	28.3	70.6	29.4	70.1	29.9
2º grau	37.1	62.9	16.7	83.3	36.2	63.8	32.4	67.6

De-pronto, percebe-se a fragilidade das opiniões de crianças menores (3ª/4ª séries) em identificar corretamente profissões de alto prestígio profissional. Assim, embora sejam as que mais aceitem negros na profissão de engenheiro são as que menos o aceitam na profissão de médico (exceto para os pretos). Além disto, demonstram sofrer pouco ou nenhum impacto do status sócio-econômico entre profissionais alocados nos níveis superiores da hierarquia ocupacional. Ou seja, não há nenhuma diferenciação significativa de tal reconhecimento entre as escolhas de engenheiros selecionados de fotografias que não revelam a inserção do fotografado em um estrato sócio-econômico definido e as escolhas de médicos caracteristicamente pertencentes a estratos mais altos. Contudo, uma coisa é certa: apesar de sua fragilidade, atribuem nitidamente aos brancos as profissões de nível superior.

O comportamento dos alunos de 5ª à 8ª série já começa a se distinguir daqueles de escolaridade mais baixa. Para eles, a inserção em um estrato sócio-econômico mais alto modifica suas opiniões relativas aos negros. Observa-se que é bastante baixa sua opção por engenheiros da raça negra, variando entre 8.2% e 11.2% e, de certa maneira, os resultados independem da cor do entrevistado. Já, quando confrontados com médicos visivelmente pertencentes a estratos sócio-econômicos superiores, sua opinião quanto à inserção do negro torna-se mais favorável, embora não haja distinção de comportamento por cor do entrevistado. No entanto, ainda entre os pertencentes a tal grau de escolaridade, as profissões de engenheiro e médico são francamente atribuídas aos brancos.

É somente entre os alunos do 2º grau que se nota um comportamento nitidamente diferente. Para eles, enquanto o negro pode ser percebido como pertencente aos estratos sociais mais baixos (e isto pode ser manifesto pela indumentária simples dos fotografados apontados na condição de engenheiro), preferem escolher o branco como engenheiro e isto é mais nítido entre os próprios entrevistados brancos, já aí aparecendo entre pretos e pardos um certo grau de solidariedade racial. No entanto, ao serem confrontados com brancos e negros pertencentes a estratos visivelmente privilegiados, a opinião dos entrevistados de modo geral se desloca, de modo abrupto, dando-se preferência a médicos negros. Isto acontece, inclusive, com os pesquisados brancos. De acordo com o exposto, pode-se concluir que, para estudantes de 2º grau, mais ambientados com os códigos da sociedade vigente, a posição sócio-econômica tem maior valor do que o pertencimento a tal ou qual raça. Contudo, deve ficar sempre registrado que o universo amostrado é tipicamente pertencente aos estratos mais baixos da população, sendo assim, a condição sócio-econômica adquire uma importância incomensurável. Isto pode ser verificado, particularmente, entre os pesquisados de baixa renda brancos. Para eles, ser branco pobre (sua própria condição) é ser menos do que negro rico. Para os entrevistados negros, a inserção dos de sua raça como fotografados pertencentes a estratos superiores significa quase a sua "redenção" : sentem-se à vontade para se escolherem de modo claramente majoritário como médicos.

Ainda que a posição social revele ter um forte impacto entre entrevistados de baixa renda, de qualquer modo, a visão preconceituosa não deixa de vigir. Assim é que, embora os entrevistados brancos apontem majoritariamente os negros como médicos, de qualquer forma, este é o menor percentual apresentado entre estudantes de 2º grau, seguindo-se o dos pardos e tendo uma postura amplamente favorável aos médicos negros entre os pesquisados pretos. A mesma ordem vigora quando se trata de escolher engenheiros : os entrevistados brancos se preferem nesta profissão (95.2), seguidos dos pardos (92.0) e, em menor escala pelos pretos (86.1). Há, portanto, em maior ou menor escala e dependendo de situações específicas, uma preocupação racial na alocação profissional.

As tabelas XVIA e XVIIIA estudam o comportamento dos entrevistados com referência às mulheres em profissões de alto prestígio social. Dentro do mesmo raciocínio desenvolvido acima, solicitou-se ao pesquisado que escolhesse uma médica entre mulheres vestidas com simplicidade e uma advogada entre outras muito bem trajadas. Os resultados foram os seguintes:

Tabela XVA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
3º/4º série	87.1	12.9	88.3	11.7	84.7	15.3	88.2	11.8
5º/8º série	95.8	4.2	95.8	4.2	100.0	0.0	97.2	2.8
2º grau	95.4	4.5	80.5	19.4	88.1	11.9	90.7	9.3

Tabela XVIIIA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
3º/4º série	55.3	46.7	36.7	63.3	53.1	46.9	45.0	55.0
5º/8º série	73.2	26.8	64.2	35.8	54.8	45.2	64.8	35.2
2º grau	57.8	42.2	47.2	52.8	59.9	40.1	56.5	43.5

As tabelas podem ser examinadas sob dois prismas. Um deles, por comparação às tabelas relativas a engenheiros (tabela XIVA) e médicos (tabela XVA) e o outro, das duas últimas entre si (tabelas XVIA e XVIIIA).

Pelo primeiro enfoque observa-se que crianças menores (3º/4º série) não se mostram coerentes. São francamente favoráveis à mulher negra pertencente aos estratos sociais superiores e em menor escala preferem as médicas. Inversamente, escolhem comparativamente menos médicos negros alocados em estratos sociais superiores e mais engenheiros negros vestidos de forma simples. Em suma, para elas, o status sócio-econômico não parece ter valor explicativo das preferências, porém, seja em que profissão fôr, os critérios raciais detêm algum papel. Assim, em média escolhem mais brancos para qualquer das profissões de nível superior.

O pertencimento à classes sociais mais altas já é fator significativo para estudantes de 5ª à 8ª série. Do mesmo modo que nas tabelas XIVA e XVA, tem maior facilidade em alocar mulheres negras em profissões de nível superior, desde que demonstrem pertencer aos estratos sociais mais privilegiados. De qualquer maneira, tanto entre as profissões masculinas quanto entre as femininas, a primazia das escolhas para profissões de nível superior recai sobre os brancos, pois as porcentagens maiores sempre cabem a estes.

Além da situação de classe, os estudantes de 5ª a 8ª série se mostram preocupados com o pertencimento ao sexo masculino ou feminino. Assim, as mulheres negras médicas, que não se distinguem por nenhum traço de pertencimento aos estratos mais altos, são menos escolhidas que engenheiros negros nas mesmas condições. Assim, se, em média, a escolha de engenheiros negros é de 12.6%, esta porcentagem cai para 2.8% quando se trata de médicas negras.

Para os pesquisados do 2º grau, a condição de mulher não chega a alterar o padrão de escolha, no que se refere àquelas não distinguidas pelo pertencimento a estratos mais privilegiados. Assim, escolhem poucos engenheiros negros do mesmo modo que poucas médicas negras. Por outro lado, quando se trata de comparar os sexos, dentro dos estratos sociais mais altos, os homens levam vantagem; comparativamente são escolhidos mais médicos negros do que advogadas da raça. Em suma, de um modo ou de outro, para os entrevistados de 5ª série ao 2º grau, a condição sexual representa algum papel distintivo.

Num segundo enfoque, comparando somente as tabelas XVIA e XVIIIA, a verifica-se que a direção da conduta dos entrevistados é a mesma que a demonstrada para a análise de engenheiros e médicos. Em outras palavras, se é apontado de modo mais claro a condição superior na hierarquia social, a mulher negra ganha maior preferência do que aquelas alocadas em posição social não definida. Porém, a intensidade da preferência não é a mesma: os médicos negros ganham percentualmente vantagem sobre a advogada negra, entre os pesquisados de 5ª série ao 2º grau, mais acostumados.

às regras sociais vigentes. Em síntese, isto quer dizer que, na hierarquia social, a mulher negra é concedido um status ainda mais baixo do que o do homem negro.

Para os entrevistados provenientes de estratos menos privilegiados economicamente, o pertencimento à classes sociais mais abastadas mostrou ser uma variável importante nas escolhas. Contudo, a condição racial dos escolhidos não perdeu o seu impacto, visto que (com exceção dos entrevistados do 2º grau) são sempre atribuídas majoritariamente aos brancos as profissões de nível superior.

Resta, agora, averiguar como a cor interfere nas escolhas dos entrevistados quando se trata de alocar negros e brancos em profissões mais familiares aos integrantes da amostra. Ou seja, deseja-se verificar como a amostra se comporta na seleção de brancos e negros para as profissões de faxineiro e cozinheira. É o que se observa nas tabelas XVIII A (relativa à profissão de faxineiro) e XIX A (relativa à profissão de cozinheira);

Tabela XVIII A

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr
3º/4º série	13.1	86.9	36.2	63.8	23.0	77.0	17.1	82.9
5º/8º série	12.6	87.4	6.7	93.3	15.9	84.1	11.7	88.3
2º grau	7.2	92.7	22.2	77.8	29.2	70.8	13.3	86.7

Tabela XIX A

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr
3º/4º série	23.3	76.7	32.5	67.5	13.8	86.2	18.4	81.6
5º/8º série	9.5	90.4	13.2	86.8	13.2	86.8	10.7	89.3
2º grau	16.6	83.4	13.9	86.1	12.5	87.5	14.9	85.1

Quando se trata de profissões mais conhecidas pelos entrevistados, seu comportamento, via de regra, é o de alocar prioritariamente o negro nas profissões de baixo status ocupacional. E isto fica mais eviden-

ciado se é lembrado que nas fotografias mostradas não se forneceu nenhum elemento que diferenciasse negros e brancos, em termos de posição sócio-econômica, o que significa dizer que, não sendo oferecido nenhum diferencial de tal ordem, fica "mais evidente" que as profissões de menor prestígio "devem" ser preenchidas por negros. No entanto, a análise merece cuidado e revela nuances.

As crianças menores (3ª e 4ª série), apesar de mais familiarizadas com tais ocupações, continuam a ter uma visão mais positiva do negro, mesmo que atribuam em maior escala as profissões de faxineiro e cozinheira à eles. Observa-se que são os alunos de 3ª e 4ª série que apontam mais brancos para tais profissões. São, também, as crianças pretas e pardas nestas séries, que alocam menos negros nas profissões aludidas (excetue-se os pardos, na escolha de faxineiros). Enquanto os entrevistados brancos escolhem o negro para faxineiro em 86.9% das vezes, a porcentagem decresce entre os pardos (77.0) e, mais ainda, entre os pretos (63.8). Na profissão de cozinheira a diferença percentual de escolhas de brancos e pretos é de 9.2%.

Os estudantes de 5ª a 8ª série também preferem alocar o negro nas profissões de baixo status ocupacional, e, embora com menor intensidade do que os de 3ª e 4ª série, os pretos e pardos alocam mais brancos nestas profissões (excetue-se os pretos, na profissão de faxineiro).

Para os estudantes do 2º grau o comportamento segue duas direções. De um lado, são eles que acusam as maiores diferenças entre as colunas relativas à cor, na profissão de faxineiro. Assim, se os brancos escolhem os negros como faxineiros em 92.7% das vezes, esta porcentagem cai 14.9% entre os pretos e 21.9% entre os pardos. No entanto, a distribuição das mulheres negras como cozinheiras é equilibrada, não parecendo indicar maior solidariedade racial.

Em resumo, pode-se, nas tabelas XVIII e XIX, falar de incipiente solidariedade racial, como se fez nas demais tabelas. Porém, de qualquer modo, sejam os estudantes brancos, pretos ou pardos, escolhem preferencial

mente o negro para as profissões de status ocupacional inferior, ao mesmo tempo em que selecionam mais brancos para ocupações de nível superior (engenheiro e médico), outras variáveis permanecendo iguais.

Em suma, no que diz respeito à alocação do negro na hierarquia profissional, a escola não parece oferecer nenhuma política de valorização do negro, uma vez que a estes continuam a ser sistematicamente dirigidas as profissões de nível hierárquico inferior, ao passo que as profissões de maior prestígio são oferecidas aos brancos. Quando se introduz a variável de prestígio social (no caso de médico e advogada), a solidariedade racial ganha valor explicativo forte. Não é a escola que se posiciona a favor do negro; são eles mesmos que o fazem.

Ao se tomar as categorias ladrão grande e pequeno ladrão, atua-se na esfera das condutas não aceitas moral e socialmente. E, nesta situação, já não se trata mais de alocar pessoas em estratos inferiores da sociedade, mas, sob estudo, em seus estratos marginais. Isto posto, examinar-se-á o comportamento dos entrevistados para a categoria pequeno ladrão (tabela XXA)

Tabela XXA

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr	Br	Nr
C.A./4ª série	21.4	78.6	9.7	90.3	27.4	72.6	19.0	81.0
5ª/8ª série	24.3	75.7	20.0	80.0	32.3	67.7	27.7	72.3
2ª grau	7.1	92.9	11.1	88.9	19.5	80.5	11.8	88.2

Novamente são os negros os considerados negativamente. Sempre, em mais de 67.7% das vezes, é acusado de ladrão. Não se pode dizer que, neste caso, pretos e pardos apresentem solidariedade racial, pois, por vezes apontam o negro como ladrão até mesmo mais do que os brancos o fazem. Não se pode afirmar, também, que tal comportamento mantenha algum vínculo com o grau de escolaridade porque a inclusão do negro como ladrão é mais ou

menos aleatória. Isto tudo indica que sua imagem como incluso nesta categoria é muito difundida, não havendo qualquer tipo de racionalidade sociológica que explique o comportamento dos entrevistados, a não ser a da racionalidade racista. Em outras palavras, o negro é ladrão em qualquer circunstância.

Quando se qualifica o ladrão como grande ladrão algumas idéias podem ser alteradas na mente do entrevistado. Como viu-se no capítulo anterior, o adjetivo grande, neste caso, pressupõe audácia, inteligência, coragem, etc. Passar-se-á ao exame da tabela XXIA para observar as reações dos entrevistados.

Tabela XXI

	BRANCOS		PRETOS		PARDOS		TOTAL	
	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr	Bf	Nr
C.A./4ª série	23.4	76.6	22.3	77.7	18.2	81.8	21.4	78.6
5ª/8ª série	49.2	50.8	70.0	30.0	46.7	53.3	50.6	49.4
2º grau	83.8	16.2	77.8	22.2	80.1	19.9	82.0	18.0

Talvez porque não perceba as qualidades diferentes de um grande e de um pequeno ladrão ou talvez porque seja mesmo fortemente preconceituosa, a criança de C.A. à 4ª série continua a acusar o negro de ladrão de modo enfático. Conforme aumenta a escolaridade os entrevistados vão reconhecendo no branco a qualidade de grande ladrão e isto acontece particularmente no 2º grau, seja para entrevistados brancos, pretos ou pardos.

Se, à primeira vista o exame da tabela parece beneficiar o negro, uma análise mais detida fará pensar o contrário. Colocou-se, no capítulo anterior, que as perguntas relativas a grande ladrão e pequeno ladrão foram feitas simultaneamente, de modo a proporcionar ao pesquisado a possibilidade de comparação. Sendo assim, se algum ladrão tinha que ser pequeno, caracterizado por roubos de pouca monta e outro grande, possuidor de características que, em circunstâncias normais, são admiradas socialmente (a coragem, audácia, inteligência, etc), este último deveria ser branco, pois os negros "não possuem tais qualidades".

Haveria, também, uma outra explicação, particularmente para as respostas de pretos e pardos. Do mesmo modo que em outras perguntas, o negro não podendo se ver como bonito, imputou ao branco a feiura; não podendo ser o inteligente, apontou o branco como burro. Da mesma forma, como válvula de escape ao preconceito e à opressão racial, se não podem admitir o branco como pequeno ladrão, pelo menos podem acusá-lo de ladrão, porém grande. Seria, então, uma forma de solidariedade racial às avessas.

Por fim, cabe verificar que opiniões os entrevistados emitiram sobre casamentos "puros" ou mistos. Isto fornece subsídios sobre a disponibilidade dos entrevistados para a aproximação física entre negros e brancos bem como diz algo a respeito da atuação da ideologia da democracia racial, que pressupõe a miscigenação. Na tabela XXII será examinado o comportamento dos entrevistados diante do casal escolhido em primeira opção (Casal I) e, na tabela XXIII, sua opinião sobre o casal II, escolhido como segunda alternativa.

Tabela XXII

	BRANCOS			PRETOS			PARDOS			TOTAL		
	Br	NF	Ms	Br	NF	Ms	Br	NF	Ms	Br	NF	Ms
C.A./4ª série	70.0	17.3	13.0	75.0	12.7	12.3	78.7	9.3	11.9	73.1	14.7	12.
5ª/8ª série	88.1	9.0	3.0	71.7	25.8	2.5	80.8	15.0	7.1	80.8	15.0	4.
2º grau	76.2	21.2	2.2	47.2	38.8	13.9	51.9	27.6	20.5	63.3	26.6	10.

A tabela deixa muito clara a falácia da democracia racial. Se, na teoria, propala-se a miscigenação como imperante no Brasil, a prática com prova que isto não é verdadeiro. Na maior parte dos casos, quase 90% dos entrevistados declararam-se favoráveis aos casamentos de brancos com brancos ou negros com negros. Os casamentos mistos são pouco aceitos.

Para todos os graus de escolaridade a instituição casamento parece estar mais relacionada aos brancos, pois, preferencialmente, os entrevistados escolhem, em primeira opção, casais formados por homem e mulher

brancos. No entanto, isto se dá de maneira mais visível entre os pesquisados brancos. Os pretos e pardos cuidam de aumentar a proporção de casamentos de negros, mas isto só acontece da 5ª série em diante.

A escolha de casamentos mistos não varia em função da escolaridade. O que se observa é que, via de regra, as crianças de C.A. à 4ª série e os pretos e pardos do 2º grau tem mais facilidade em fazer tal escolha. Na verdade, a escolaridade não influi na aceitação do casamento misto até porque praticamente ele não é aceito pela quase unanimidade dos casos.

Porém, restou aos entrevistados uma segunda opção de casamentos. Ou seja, primeiro pediu-se que escolhessem um casal, e, logo depois, outro casal. Foi o seguinte o comportamento dos entrevistados, no que se refere ao segundo casal.

Tabela XXIII

	BRANCOS			PRETOS			PARDOS			TOTAL		
	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms	Br	Nr	Ms
C.A./4ª série	44.8	41.1	14.0	45.0	34.2	20.8	51.9	42.4	5.7	46.4	39.8	13.0
5ª/8ª série	41.8	51.1	7.0	31.7	60.0	8.3	30.1	62.2	7.7	37.9	54.2	7.0
2º grau	35.4	57.7	6.8	38.8	25.0	36.1	49.9	19.8	32.7	39.6	40.5	19.0

A tabela XXIII só vem a confirmar o que foi dito anteriormente sobre a falácia da miscigenação racial. Na verdade, seus dados até agravam a afirmativa. Em outras palavras, se na escolha do primeiro casal a grande maioria dos entrevistados preferiu optar por casais brancos ou negros, na escolha do segundo casal a probabilidade de seleção de casais mistos tornava-se muito maior. No entanto, isto não acontece na realidade dos entrevistados. Observa-se que, em mais de 90% dos casos optam por casais "puros" e, o que ocorre é que devido a menor probabilidade de escolhas de casais brancos (uma vez que foram apontados em bom número para formar o primeiro casal) os entrevistados preferiram escolher casais negros como segundo casal. É por isto que aumenta bastante a proporção de casais negros quando são comparadas as duas últimas tabelas.

A análise precedente deixou patenteado alguns comportamentos de crianças e adolescentes, no que diz respeito à aceitação, integração e estereótipos atribuídos ao negro.

Via de regra, a população da amostra apresenta-se altamente preconceituosa, porém existem algumas variações, conforme o grau de escolaridade e a cor do entrevistado. Assim, constatou-se que crianças do C.A. à 4ª série são as que mais se caracterizam por uma maior intolerância com relação ao negro e pela quase total incapacidade de lhe atribuir qualquer qualidade positiva. São, também, as que apresentam mais alto índice de consistência do preconceito racial, ou seja, são os que somam, no conjunto de respostas individuais, mais pontos de respostas depreciativas a respeito do negro. Entre eles não se verifica solidariedade racial de pretos e pardos. Todos, independente da cor, comportam-se com extenso repúdio ao negro.

Nas classes mais avançadas não se constata uma mudança significativa na situação do negro, porém, observa-se que se acentua, particularmente entre os alunos de 2º grau, uma certa solidariedade racial. Ela não se processa como um reconhecimento de qualidades positivas do negro, posto que pretos e pardos ainda se sentem inibidos ou inseguros de romperem com os códigos sociais vigentes de exclusão do negro. Manifesta-se mais sob a forma de "válvula de escape" e, assim, se não podem se atribuir conceitos positivos, tentam jogar um pouco de peso de certos estigmas sobre o branco. Não podem se considerar bonitos, então acentuam a feiúra do branco. Não podem ser os inteligentes, imputam ao branco a burrice. Mas isto acontece ainda timidamente, com medo, o medo de "saírem de seu lugar".

Os altos índices conseguidos, separando nitidamente o mundo dos brancos e o dos negros, denunciam a escola, por seu caráter de veículo de uma ideologia racista.

Se a escola tem, por definição, um papel de transmissão de conhecimentos que capacite o indivíduo a se comportar dentro de uma filosofia

humanista, os dados revelam que a instituição falhou ao propósito. E, tal falha fica mais evidenciada quando se lembra que os percentuais mais altos de preconceito racial ou de recusa a atribuir a negros qualidades positivas, se dá justamente entre crianças de C.A. à 4ª série. Em outras palavras, crianças que, pela sua pouca convivência com outros grupos de socialização, sofrem uma influência decisiva dos conceitos emitidos pela escola.

Além do mais, pelo fato de averiguar-se que pretos e pardos tendem a um comportamento de defesa da raça, ao passo que brancos, ao contrário, não se mostram sensibilizados com a questão racial, pode-se afirmar que, quando existe diminuição dos índices de preconceito, ela se deve mais à cor do entrevistado do que a qualquer propósito anti-racista da escola.

Em resumo, a escola funciona como um transmissor da ideologia das desigualdades raciais, ideologia esta extremamente benéfica ao branco ao lhe assegurar acesso diferenciado aos bens materiais e simbólicos. Garante-se a alocação privilegiada do branco nestas esferas pela crença dos próprios brancos em sua superioridade racial, do mesmo modo que pela inferiorização racial que é introjetada na mente do indivíduo negro.

A transmissão da ideologia da desigualdade tem base na preconceitualização desfavorável do negro, que se verificou ao longo deste trabalho. Porém, evidentemente, os mecanismos utilizados para tal tarefa não são explícitos nem conhecidos do próprio corpo de profissionais atuantes na escola. Do mesmo modo que os jovens entrevistados demonstraram ser altamente preconceituosos sem o saberem, os demais membros da instituição têm idéias semelhantes e as transmite -mesmo sem um propósito deliberado, por suas atitudes e comportamentos.

NOTAS

- 1-Entre elas podem ser citadas as pesquisas de Roger Bastide e Florestan Fernandes (1959); Otávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso (1960); Virgínia Leone Bicudo (1959); Aniela Meyer Ginsberg (1959); Luis A. Costa Pinto (s.d.); Oracy Nogueira (1980).
- 2-A teoria da democracia racial encontra-se apresentada na obra de Gilberto Freire "Casa Grande e Senzala". Para uma crítica detida sobre a teoria de Freire ver Maria Alice de Aguiar Medeiros "Casa Grande e Senzala-uma interpretação).
- 3-Entre elas podem ser citadas as de Carlos A. Hasenbalg (1970); Lúcia Elena Oliveira et al (1985); Nelson do Valle Silva (1983).
- 4-Ver o artigo "Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em Relação com a Cor de seus Colegas" (1959)
- 5-Resumo do trabalho de Rene Ribeiro se encontra em Carl N. Degler (s.d.)
- 6-Ver "Cor e Mobilidade Social em Florianópolis" (1960).
- 7-Ver "Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil" (1970); "Race and Socioeconomic Inequalities in Brazil" (s.d.)
- 8-in "Race and Socioeconomic Inequalities in Brazil (s.d.).
- 9-ibid.
- 10-Ver o artigo "Relações Raciais e Rendimento Escolar" (1987).
- 11-O Cadernos de Pesquisa, nº 63, 1987 está totalmente dedicado ao estudos das relações entre negritude e educação. Também a revista Estudos Afro-Asiáticos, nº 8/9, 1983 aborda amplamente a questão.

12-Ver Carl N. Degeler (s.d.); Oracy Nogueira (1980)-.

13-Ver Estudos Afro Asiáticos, nº 12, 1986.

14-Ver Carlos A. Hasenbalg (1970); Otávio Ianni e F.H. Cardoso (1960)

15-Ver "A Integração do Negro na Sociedade de Classe" (1965)

16-Ver Moema de Poli Teixeira Pacheco: "A Família Negra: exame de algumas questões".

17-Ver Pierre Bourdieu e Jean C. Passeron "A Reprodução-elementos de uma teoria do sistema de ensino " (1975).

18-Ver, de um modo geral, os Cadernos de Pesquisa, nº 63, 1987.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan - Brancos e Negros em São Paulo, Cia Editora Nacional, SP, 1959.
- CARDOSO, F.H. e IANNI, Otávio - Cor e Mobilidade Social em Florianópolis, Cia Editora Nacional, SP, 1960.
- BICUDO, Virgínia Leoné - Atitudes de Alunos dos Grupos Escolares em Relação a Cor de Seus Colegas, in BASTIDE, R. e FERNANDES, F. - Brancos e Negros em São Paulo, Cia Editora Nacional, 1959
- GINSBERG, Aníela Meyer - Pesquisa sobre as Atitudes de um Grupo de Escolas de São Paulo em Relação com as Crianças de Cor, in BASTIDE, R. e FERNANDES, F. - Brancos e Negros em São Paulo, Cia Editora Nacional, SP, 1959.
- PINTO, L.A. Costa - O Negro no Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, SP, s.d.
- NOGUEIRA, Gracy - Tanto Preto quanto Branco: estudos de Relações Raciais, T.A. Queiroz Editor, SP, 1985.
- FREIRE, Gilberto - Casa Grande e Senzala, Livraria José Olímpio, RJ, 1961
- MEDEIROS, Maria Alíce de Aguiar - Casa Grande e Senzala: uma interpretação, tese de mestrado apresentada ao IUPERJ, RJ, 1979.
- HASENBALG, Carlos A. - Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil, Graal, RJ, 1970.
- OLIVEIRA, Lúcia Elena et al. - O "Lugar do Negro" na Força de Trabalho, Fundação IBGE, RJ, 1985.
- SILVA, Nelson do Valle - Cor e Processo de Realização Sócio-Econômica, in Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos, ANPOCS, Brasília, 1983 (Ciências Sociais Hoje; vol. 2)
- DEGLER, Carl N. - Neither Black nor White - slavery and race relations in Brazil and United States, MacMillan Publishing Co. Inc., N.Y., sd.
- HASENBALG, Carlos A. - Race and Socioeconomic Inequalities, in FONTAINE, Pierre-Michel (org) Race, Class and Power, Center for Afro-American Studies, University of California, Los Angeles, sd.
- ROSENBERG, Fúlvia - Relações Raciais e Rendimento Escolar, in Cadernos de Pesquisa, nº 63, 1987. Fundação Carlos Chagas, SP, 1987.
- ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS nº 8/9 - Cadernos Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, RJ, 1983

ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS nº 12. Cadernos Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, RJ, 1986.

FERNANDES, Florestan -A Integração do Negro na Sociedade de Classes, Domini nus Editora, Universidade de São Paulo, SP, 1965.

BOURDIEU, Pierre e Jean C. Passeron -A Reprodução-elementos de uma teoria do sistema de ensino, Livraria Francisco Alves, RJ, 1975.